O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO

J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, J. A. Marques Gomes e Firmino de Vilhena

ANNO XXXV

ASSIGNATURAS: SEM ESTAMPILHA: ANNO 1$600 reis; SEMESTRE: 2$350; TRIMESTRE 1$200; AVULSO 50 reis. COM ESTAMPILHA: anno 5$140; SEMESTRE 2$650; TRIMESTRE 1$350; AVULSO 55. As assignaturas são pagas adiantadas. A circumstancia de receber o jornal sem o devolver importa responsabilidade, pela importancia do tempo porque se recebe.

PUBLICA-SE A'S QUARTAS-FEIRAS E SABBADOS

Quarta-feira 7 de julho de 1886

PUBLICAÇÕES. Correspondencias particulares: linha 40 reis. Annuncios: linha 30 reis; repetições 20 reis. Publicações no corpo do jornal, por linha 60 reis. Assigna-se unicamente em Aveiro. As assignaturas são pagas adiantadas. Os manuscriptos enviados á redacção, sejam ou não publicados não serão restituidos.

NUMERO 3:504

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rue S.te Anne, 51.bis

ESMOLLA

para as victimas do incendio na Costa da Torreira

Transporte..... 4:300

Qualquer donativo deve ser dirigido ao ex.mo e revd.mo sr. Conego Arcypreste, José Candido Gomes d'Oliveira Vidal.

O producto d'esta subscripção será por este cavalheiro entregue ao sr. governador civil d'Aveiro, para ser por este sr. distribuida proporcionalmente pelos desgraçados, que tudo perderam n'este pavoroso incendio.

SUMMARIO:—A DICTADURA.—A RIA DE AVEIRO.—AS TARIFAS DO CAMINHO DE FERRO.—MOSTEIRO D'AROUCA.—LYCEU NACIONAL D'AVEIRO.—NOTICIAS LOCAES.—NOTICIAS DIVERSAS.—NOVAS DE LONGE.—ALGUMAS PALAVRAS ÁCERCA DA ORGANISAÇÃO DE UMA SOCIEDADE OU COMPANHIA EXPLORADORA DA RIA D'AVEIRO.—O ANJO DA CARIDADE, DRAMA EM 4 ACTOS, *por Fernando do Vilhena*.—CORREIO DO SUL.—SCIENCIAS.—BIBLIOGRAPHIA.—PARTE OFFICIAL.—CARTA DE LISBOA—TELEGRAPHIA.

Aveiro

A DICTADURA

Em quanto a *Revolução de Setembro* renega as suas doctrinas de 1851, de 1881 e 1884, quando defendia as dictaduras do seu partido, o *Jornal da Noite*, folha egualmente regeneradora, discreteia sensatamente ácerca do mesmo assumpto, e fal-o de modo que não honra só a instituição, porque faz tambem a apologia da independencia de caracter dos seus redactores politicos. O seguir uma bandeira, não quer dizer fanatismo, nem obediencia cega ás imposições da parte exaltada de uma parcialidade politica. Pelo contrario, desde que os que devem ser guia e fanal se atrellam ao carro dos mais impacientes, o que ha a esperar da arraia miuda?

O *Jornal da Noite* expõe as suas opiniões nos seguintes termos:

«As dictaduras são condemnaveis em principio, mas entre nós o principio está de ha muito posto de parte. O poder legislativo não pode allegar as suas prerogativas, porque o poder legislativo é aqui uma uzurpação. Os deputados todos ou quasi todos, sabem em sua consciencia, que não podendo ser-lhes deferido constitucionalmente o mandato senão pelos eleitores, não foram, não são estes que os investem na auctoridade que se arrogam. As camaras legislativas não são camaras reconhecidas pela constituição; porque a constituição determina que as elejam os eleitores, e todavia quem as *nomeia* são os governos.

«Mas se, depois de nomeados, querem para si todas quantas prerogativas a Carta estabelece para as que forem a legitima representação nacional; perguntaremos: em que côrtes foi discutida a Carta? A Carta é um acto do poder legislativo?

«Consultemos ainda mais de perto a pratica, que é tambem, como a historia, mestra da vida.

«Os diplomas mais sabios e mais serios, os diplomas verdadeiremente monumentaes, que se encontram na nossa legislação são justamente os que foram decretados sem intervenção dos parlamentos.

«Os decretos de 1832 de Mousinho da Silveira fizeram a revolução liberal. Foram elles que a fizeram. A extincção dos dizimos; o ensino livre; a abolição dos morgados e capellas; a abolição da pena da confiscação de bens em qualquer delicto; a abolição das cizas; a creação do tribunal do thesouro publico e do supremo tribunal de justiça; a organisação do jury; a abolição das provas de nobreza para admissão na armada, não foram obra de nenhumas côrtes.

«A novissima reforma judiciaria de 1841; o codigo administrativo de 1842; a reforma geral da instituição de 1844; todas as reformas de 1851; creação do ministerio das obras publicas, do conselho ultramarino, do corpo de marinheiros militares, do ensino agricola, da commissão das pautas; reorganisação dos arsenaes do exercito e da marinha, das escholas politechnica e do exercito, do collegio militar, do correio, do serviço de saude naval, de todas as secretarias d'estado; construcção do primeiro caminho de ferro; fixação do direito eleitoral; adopção do systema metrico-decimal, tudo isto que constitue a raiz do que temos de melhor em administração sob todos os pontos de vista considerada, foi decretado sem a intervenção do parlamento.

«E tudo isto seria menos duradouro, porque seria desigual, entrecortado, em resultado das discussões, que se inspiram na paixão politica e na impressão de momento, se não houvesse sido promulgado sob a responsabilidade inteira de meia duzia de homens, que formavam a situação.

«São já dois os actos addicionaes á Carta. Foram ambos discutidos e votados em côrtes; vejam o que valem esses actos—e designadamente o ultimo, comparados com a mesma Carta, que não saiu das côrtes.

«As reformas importantes, que devem ser feitas de um jacto, d'uma só peça, que devam obedecer a um pensamento soberano, inabalavel, fundamental, desde que são expostas aos tractos, inventados pela politica parlamenlar, perdem por força a sua unidade, a sua cohesão, o seu quilate.

«Não ha muito que das côrtes sahiu esfarrapada uma reforma importantissima, que para alli entrara inteira. Valia mais, como projecto, do que ficou valendo como lei. As mutilações, as substituições, foram tantas e taes, que ha n'ella alguns artigos, que invocam outros, e mandam vel-os e consultal-os, que aliás não estão lá, porque desappareceram na refrega.

«Fazemos a exposição dos factos. Não somos contra o systema parlamentar, nem somos a favor das dictaduras. O que dizemos hoje, na prespectiva de uma quadra dictactorial, dil-o-iamos do mesmo modo, quando não tivessemos eminente a mesma ameaça. Queixem-se de si as côrtes, queixem-se de si os partidos. O modo mais digno de acatar o systema parlamentar, nos termos a que chegaram as côrtes, é ter estas fechadas quanto mais tempo melhor.»

Ninguem dirá que as apreciações do *Jornal da Noite* não são de uma correcção inimitavel. Dizem ellas, que o que ahi está perfeito e regular, é obra da dictadura. E como estamos n'um periodo em que a ordem deve substituir o cahos, implicitamente o mesmo orgão regenerador aplaude a iniciativa, que trouxer a harmonia á administração civil, que tem sido o joguete das paixões partidarias.

Venham pois as reformas, uma vez que tragam a consagração dos direitos e a satisfação das necessidades do paiz. E' esta a nossa opinião. E' tambem o parecer de uma das folhas mais auctorisadas da nossa imprensa politica.

A RIA D'AVEIRO

Publicamos no nosso numero de hoje o relatario que o sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto leu ha dias na reunião preparatoria da sociedade que vae fundar-se n'esta cidade para a exploração de piscinas e ostreiras artificiaes. Do merecimento d'aquelle trabalho, dirá o leitor depois de o compulsar. A'cerca da conveniencia de criar semelhante empreza, cremos ser hoje geral a opinião, não só em Aveiro mas no districto, de que lhe está reservado futuro auspicioso.

Um dos maiores enthusiastas por as cousas da nossa ria é, incontestavelmente, o sr. Abel da Silva Ribeira, do Pinheiro da Bemposta, e que estudou aqui preparatorios. Apesar de residir em Odemira, onde é medico de partido, s. ex.ª diz-nos o seguinte com data de 3 do corrente:

«Vejo pelos jornaes, que vae germinando em Aveiro a ideia, ha muito tempo semeada, da piscicultura. Deus queira que novos estorvos e contratempos não venham esterilisar tão patriotica empreza.

Sabe v. que sempre fui um dedicado apostolo de tão util e necessario melhoramento; e que nas columnas do *Campeão* combati sempre, com o meu pouco saber, a favor d'essa sympathica ideia: e para ir coherente com os meus principios, venho hoje pedir a v. a fineza de me contar no numero dos subscriptores, quando organisada a sociedade.»

Em 4 acrescentava o nosso distincto amigo:

«As nossas cartas encontraram-se no caminho.

.....

Satisfazendo ás suas ordens tenho a dizer a *v. que foi no fim do anno de 1878 que* escrevi alguns artigos no *Campeão* sobre piscicultura, datados de Odemira. Em fins de 1879 escrevi outros sobre o mesmo assumpto, não só no *Campeão* como no *Commercio de Portugal*, que se publicava em Lisboa: os que publiquei no *Campeão* foram precedidos d'uns outros que descreviam a naturesa, anatomia etc. dos peixes, estudos da minha predilecção.

.....

Mãos á obra, e nada de esmorecer nem de perder o animo. O pesar que me acompanha é não estar em Aveiro para fazer propaganda mais proveitosa com a palavra e incitamento; teria v. a seu lado um soldado raso, sim, mas dos que não affrouxam e morrem na brecha sem voltarem costas ao inimigo.

Avante pois.»

E assim seria, porque o sr. dr. Abel é um caracter energico e emprehendedor. Quanto a nós, cá estamos firmes em sustentar a cruzada que abrimos, confiados em que o convencimento chegará a todos, obrigando-os a prestarem-nos o auxilio valioso de que carecemos, para que a ideia não fique em estado embrionario, antes se cubra de fructos e flores.

Além de nos dirigir-mos ao sr. Abel da Silva Ribeiro, pedindo-lhe a sua illustrada e efficaz collaboração, escrevemos tambem a um dos grandes enthusiastas pelas cousas d'esta terra. Referimo-nos ao sr. Francisco Augusto da Fonseca Regalla, distincto official da nossa marinha de guerra. S. ex.ª fez uma serie de estudos sobre a ria, e escreveu um regulamento sobre a policia que ali deve manter-se para obstar ás repetidas usurpações, que a vão inutilisando, bem como ao abuso introduzido nos methodos de pescar, que matam todo o peixe miudo, sem vantagem do productor, e com prejuizo enorme do consummidor.

Aguardamos a resposta de s. ex.ª, para nos referirmos a ella em outro numero, além de nos servir para nos orientarmos sobre o muito que ha a fazer, para que as cousas corram regularmente na basta bacia que se chama ria de Aveiro.

AS TARIFAS DO CAMINHO DE FERRO

Actos ha de tão evidente justiça, que se impõem ao applauso unanime da opinião. E é d'esses a portaria do ministerio das obras publicas, de 1 do corrente, porque põe cobro a uma verdadeira exploração, contra o qual por muitas vezes tinhamos reclamado aqui.

A Companhia Real dos caminhos de ferro portuguezes do norte e leste, a pretexto de que a estação da Pampilhosa lhe não pertencia, nem portanto fazia parte da sua linha do norte, tem, desde a abertura á circulação da linha ferrea da Beira Alta, tarifado os transportes de passageiros e mercadorias com destino áquella estação, não pelo caminho até ahi realmente percorrido, mas pelo percurso até ás estações immediatas de Souzellas ou de Coimbra, nos comboios descendentes, e da Mealhada nos comboios ascendentes.

Por esta forma, pagava-se de serviço que não prestava, e augmentava abusivamente as tarifas legalmente approvadas.

Ora era curioso que ella se utilisasse de todos os commodos e interesses que a estação de Pampilhosa e o entroncamento ahi com a linhas da Figueira e Beira Alta lhe davam, passando lá com todos os seus comboios, acceitando despachos de mercadorias, e vendendo bilhetes de passageiros com esse destino, e combinando até esse serviço com a companhia da Beira Alta, e quizesse ainda por cima aggravar com esse pretexto os encargos do publico.

Com isso acabou o nobre ministro das obras publicas, mandando á companhia que do dia 10 do corrente em diante tarife os passageiros e mercadorias com destino á estação de Pampilhosa só pelo caminho até ahi percorrido, e não como até agora.

Todos louvam esta decisão.

Com estas cousas assim, que os governos regeneradores achavam pequenas para d'ellas cursarem, é que se faz a boa administração.

Eis a portaria:

«Foram presentes a sua magestade el-rei as informações do engenheiro director da fiscalisação dos caminhos de ferro do norte e leste, das quaes se vê que a respectiva companhia tarifa os transportes de passageiros e mercadorias com destino á estação da Pampilhosa, não pelo caminho até ahi percorrido, mas pelo percurso até ás estações de Souzellas ou de Coimbra, nos comboyos descendentes, e da Mealhada nos comboyos ascendentes; e sua magestade el-rei,

Considerando que as tarifas approvadas pelo governo são referidas ao numero de kilometros, que realmente tenham de percorrer-se, e que não póde por isso alterar-se arbitrariamente a base kilometrica adoptada;

Considerando que a circumstancia de pertencer a estação da Pampilhosa á companhia do caminho de ferro da Beira Alta não modifica na minima coisa o principio e a obrigação legal de não se exigir pagamento de caminho, que realmente se não andou;

Considerando, além d'isso, que desde a abertura á circulação da linha ferrea da Beira Alta, a companhia real dos caminhos de ferro portuguezes para alli com os seus comboyos de mercadorias e de passageiros, acceita despachos de mercadorias e vende bilhetes para aquelle destino, tem esse serviço combinado em reciprocidade com a companhia da Beira Alta, sendo por isso certo, que acceitou como estação sua a estação da Pampilhosa, o que aliás já se derivava, pela propria natureza do assumpto, do simples facto do entroncamento das duas linhas;

Considerando que a companhia real dos caminhos de ferro portuguezes não póde considerar como sua, para os seus commodos e interesses, a estação da Pampilhosa, e não a considerar como tal para os encargos do publico, que só lhe devem ser correspondentes, conforme as bases de retribuição superiormente approvadas;

Considerando que não podem ser obstaculo a isso quaesquer discordancias, que haja entre as duas companhias a respeito do uso em commum da referida estação da Pampilhosa, porque o direito do publico a só pagar o que deve nada tem que ver com essas divergencias de caracter particular, e porque, na falta d'um accordo, que acabe com essas discordancias, a companhia real dos caminhos de ferro portuguezes tem sempre na sua mão a faculdade de construir uma estação exclusivamente sua, n'aquelle local, no terreno adjacente á sua linha;

Ha por bem sua magestade el-rei determinar, que a companhia real dos caminhos de ferro portuguezes tarife os passageiros e mercadorias com destino á estação da Pampilhosa só pelo caminho até ahi percorrido, e não, como até agora, pelo percurso até as estações de Souzellas ou Coimbra nos comboyos descendentes, e da Mealhada, nos ascendentes, devendo reformar as suas tarifas n'este sentido, com execução do dia 10 do corrente em diante.

O que se communica ao engenheiro director da fiscalisação das linhas ferreas de leste e norte para os devidos effeitos.

Paço, em 1 de julho de 1886.—*Emygdio Julio Navarro.*»

MOSTEIRO DE AROUCA

I

A's 4 horas da manhã do dia 3 do corrente falleceu no mosteiro do Arouca a ultima religiosa professa que n'elle existia, a abbadessa soror Maria José, no seculo, D. Martha José Tovar de Menezes. Terminou portanto a existencia d'esta casa religiosa, a unica que hoje havia no districto d'Aveiro.

Alguns nossos collegas tem publicado noticias historicas sobre o mosteiro, mas nem sempre com a maior exactidão. Procurando corrigir o que ha de menos verdade n'aquellas noticias faremos tambem uma historia abreviada do mosteiro.

O mosteiro de Arouca, da invocação de S. Pedro e S. Paulo, foi fundado segundo é tradição, no começo do seculo VIII, por dois fidalgos do visinho logar de Moldes, Loderigo e Vandilo, cujos herdeiros venderam o direito de padroado a D. Ançur e sua mulher D. Ejeura, que R. Mendes da Silva na sua obra, *Poblacion general de España* affirma serem senhores do valle de Arouca, em 950. Os novos possuidores do mosteiro, depois de o haverem reedificado e ampliado muito, doaram-no ao abbade beneditino Hermigildo em 7 de setembro de 960.

D. Ejeura achando-se viuva e sem descendentes, fundou junto ao mosteiro um recolhimento de beatas, subjeitas tambem á regra de S. Bento. Por sua morte o pequeno cenobio foi incorporado no mosteiro que ficou sendo desde então convento *duplices*—isto de frades e freiras como muitos outros que existiram em Portugal.

Os frades viviam em aposentos separados das freiras, reunindo-se apenas na egreja em alguns dias mais solemnes. Com o decurso do tempo, os frades foram-se esquecendo da disciplina que a sua regra lhes impunha e principiaram a relaxar-se, o que fez com que fossem expulsos em 1134 do mosteiro que de ahi em diante ficou sendo só de freiras, como succedeu a quasi todos os outros mosteiros *duplices* que entre nós houve. Estes factos comprovam-se com a propria Chronica de Cister Liv. VI cap. XXXVI.

D. Sancho I deixou em testamento o mosteiro d'Arouca a sua filha D. Mafalda que, depois foi rainha de Castella pelo seu casamento com Henrique I. Havendo o papa Innocencio III, annulado este casamento com o pretexto de proximo parentesco, D. Mafalda depois de haver residido algum tempo em Castella, voltou a Portugal em 1226 e foi viver para o seu mosteiro d'Arouca onde tomou o véu de religiosa, não chegando comtudo a professar. Desejosa de pôr cobro aos abusos de que ha muito tinham guarida no mosteiro, e depois de augmentar muito as suas rendas com largas e importantes doações, ampliar e reformar o edificio, submetteu as religiosas á Ordem de Cister, fazendo eleger abbadessa D. Aldora, senhora de grande nascimento e ainda maiores virtudes.

Depois de uma vida santificada durante sessenta e sete annos pelas mais acrisoladas virtudes, cuja memoria a tradição trouxe atá nós, D. Mafalda acolheu-se ao seio de Deus em 1 de maio de 1256, legando ao mosteiro por testamento feito n'esse mesmo anno, todos os bens que em vida lhe não havia doado. D. Mafalda falleceu em Rio Tinto junto a Amarante, e d'ahi foi o seu cadaver transportado com grande esplendor para Arouca. O original d'aquelle documento aguarda-se actualmente no *Archivo Nacional da Torre do Tombo*.

No mesmo anno em que falleceu D. Mafalda, seu irmão, o rei D. Affonso II doou ao mosteiro a villa d'Arouca e todas as terras e coutos annexos, em que entravam Alvarenga, Paiva e Espiunca. Successivas e importantes doações particulares vieram depois, de forma que nos fins do seculo XVI o mosteiro era um dos mais ricos do reino, sendo senhor de todo o valle de Arouca e de muitas propriedades em differentes concelhos visinhos, especialmente Fermedo e Estarreja, além de um grande numero de foros em outros pontos. Se eram avultados os haveres do mosteiro, enorme era tambem o numero de religiosas que o habitavam, e que com noviças e servas formavam dentro de seus muros uma densa população.

Antigamente a abbadessa do mosteiro como donataria da villa, era quem nomeava o juiz do concelho d'Arouca e isto sem necessidade da approvação do corregedor de Lamego, a cuja comarca pertencia. Por alvará de 26 d'agosto de 1776 foi-lhe derrogado este privilegio, e creado o logar de juiz de fóra do crime, civil e orphãos do concelho d'Arouca.

LYCEU NACIONAL D'AVEIRO

JURYS DOS EXAMES DE CLASSE

Portuguez:—Dr. José Braz de Mendonça Furtado, lente da universidade; Alvaro de Moura Coutinho Almeida d'Eça, professor do lyceu de Aveiro; João do Amaral Leitão, professor do lyceu de Coimbra.

Francez:—Dr. José Braz de Mendonça Furtado, lente da universidade; José Rodrigues Soares, professor do lyceu de Aveiro; José Manuel de Carvalho, professor do lyceu de Vizeu.

Arithmetica:—João Braz de Oliveira Junior, professor da escola naval; Manuel Gonçalves de Figueiredo, professor do lyceu de Aveiro; José Lopes Ferreira dos Santos, professor do seminario diocesano de Vizeu.

Desenho:—João Braz de Oliveira Junior, professor da escola naval; João da Maia Romão, professor do lyceu de Aveiro; José Lopes Ferreira dos Santos, professor do seminario diocesano de Vizeu.

Latim:—Dr. José Braz de Mendonça Furtado, lente da universidade; Abilio Cesar Henriques de Aguiar, professor do lyceu de Aveiro; João do Amaral Leitão, professor do lyceu de Coimbra.

Historia e geographia:—Dr. José Braz de Mendonça Furtado, lente da universidade; dr. Raymundo da Silva Mota, idem; João José Pereira de Sousa e Sá, professor do lyceu de Aveiro.

Legislação:—Dr. José Braz de Mendonça Furtado, lente da universidade; João Maria de Almeida e Moura, professor do lyceu de Aveiro; Manuel Messias Mendes Fragoso, professor do lyceu de Braga.

Introducção:—Dr. Raymundo da Silva Mota, lente da universidade; Elias Fernandes Pereira, professor do lyceu de Aveiro; Manuel Justino de Azevedo, professor do lyceu de Coimbra.

JURYS DOS EXAMES FINAES

Francez:—Dr. José Braz de Mendonça Furtado, lente da universidade; José Manuel de Carvalho, professor do lyceu de Vizeu; José Lopes Ferreira dos Santos, professor do seminario diocesano de Vizeu.

Desenho:—João Braz de Oliveira Junior, professor da escola naval; Manuel Justino de Azevedo, professor do lyceu de Coimbra; José Lopes Ferreira dos Santos, professor do seminario diocesano de Vizeu.

Latim:—Dr. José Braz de Mendonça Furtado, lente da universidade; João do Amaral Leitão, professor do lyceu de Coimbra; José Lopes Ferreira dos Santos, professor do seminario diocesano de Vizeu.

Dos professores do nosso lyceu vão fazer serviço:

No lyceu da Guarda, os srs. Elias Fernandes Pereira, nas mezas de arithmetica, desenho e introducção, e dr. Manuel Gonçalves de Figueiredo, nas mezas de arithmetica e desenho.

No lyceu de Lamego, o sr. dr. João José Pereira de Souza e Sá, nas mezas do historia, geographia e legislação.

No lyceu de Vizeu, o sr. dr. Manuel Gonçalves de Figueiredo, nas mezas de arithmetica, e desenho.

No lyceu do Porto, os srs. dr. Alvaro de Moura Coutinho d'Almeida d'Eça, nas mezas de portuguez e litteratura, e dr. José Rodrigues Soares, nas mezas de francez.

Noticias Locaes

Apontamentos de carteira.—Partiu para S. Pedro do Sul, onde se demora alguns dias em uso de banhos thermaes, o nosso illustrado amigo, o sr. Antonio Maria dos Santos Freire, muito digno e sollicito professor da escola de ensino primario complementar da freguezia da Vera-Cruz.

— Esteve no domingo em Aveiro o nosso amigo, o sr. dr. Antonio Correia de Amaral, habil medico do partido municipal de Macieira de Cambra.

— De passagem para Lisboa, demorou-se algumas horas aqui o nosso dedicado amigo o sr. Caetano Ferreira, illustrado redactor politico do *Jornal d'Estarreja*.

— Estiveram ante-hontem em Aveiro o nosso velho, e muito respeitavel amigo, o sr. Bernardo José da Costa Basto, um dos cavalheiros mais prestimosos e bemquistos d'este districto, proprietario e administrador do importantissimo estabelecimento fabril do Caima e seu sympathico filho, o sr. José Augusto da Costa Basto, d'Oliveira d'Azemeis.

— Visitou-nos ante-hontem o nosso dedicado e sempre valioso amigo, o sr. José Fragateiro de Pinho Branco, um dos primeiros negociantes e industriaes de Ovar.

— Esteve hontem em Aveiro o nosso bom amigo, o revd.º sr. Roberto Gonçalves de Sá, dignissimo abbade de Esmoriz.

— Veiu ante-hontem a esta cidade o sr. Manuel Joaquim de Mattos, abastado proprietario de Macieira de Cambra.

— Passou ante-hontem á tarde na estação do caminho de ferro d'esta cidade, em direcção ao Porto, o nosso illustrado e presado amigo, o sr. dr. Alexandre de Souza e Mello, douto e integerrimo juiz de direito na comarca de Taboa. Acompanhava-o uma das suas galantissimas filhas.

Desmentido.—O sr. José Luiz Ferreira, d'Albergaria, pediu ao *Povo de Aveiro* que lhe publicasse uma carta que nos dirigiu, allegando que lh'a não tinhamos publicado. Pois faltou á verdade. E não pode dizer-se que o fizesse de boa fé, porque lh'a publicámos logo no numero immediato á data em que a recebemos. Essa tal carta tem a data de 15 de junho, não podiamos recebel-a aqui antes do dia 16, e foi logo publicada no dia 19, no n.º 3499, 3.ª pagina, 6.ª columna, d'este jornal.

Voluntarios academicos.—Ha dias o nosso presado mestre e amigo o sr. Joaquim Martins de Carvalho referindo-se no *Conimbricense* ás praças do batalhão de voluntarios academicos de 1828, diz que só existem actualmente os srs. Diogo Antonio Palmeiro Pinto, Ignacio Fiel Gomes Ramalho, José Silvestre Ribeiro, Manuel José Mendes Leite, Sebastião Augusto da Costa Simões, e Simão José da Luz Soriano.

Pedimos licença ao collega para dizer que vivem felizmente ainda mais alguns, e entre elles, dois homens verdadeiramente notaveis que são os srs. Antonio Bernardo da Costa Cabral, actualmente marquez de Thomar e o conselheiro Antonio Fernandes Coelho. Aquelle tinha no mencionado batalhão o n.º 109 e este o n.º 75.

Livre.—A sr.ª D. Florinda, filha do nosso amigo, sr. Neves, fiscal por parte do governo nos caminhos de ferro, soffreu esta noite um ataque de suffocação, que poz em sobresalto seu estremoso pae e toda a sua familia. Felizmente está melhor, livre de perigo, louvores ao prompto tratamento mandado applicar pelo sr. dr. Cancella, distincto medico d'Arcos, que para isso foi consultado á meia noite; não podendo s. ex.ª ir ver a dita senhora, em consequencia de se achar incommodado ha dias com dores nas cruzes, receitando por informação do sr. Neves.

Desejamos as melhoras do illustre clinico e da sr.ª Neves.

Roubo importante.—No comboio do correio da manhã de hontem, e d'uma carroagem de 3.ª classe, entre as estações de Mogofores e Oliveira do Bairro, foi roubada ao cidadão hespanhol Manuel Gonçalves Carreira, que de Lisboa se dirigia a Tuy, uma mala de couro, contendo valores em dinheiro, coupons portuguezes e hespanhoes, dinheiro hespanhol e portuguez, tres pares de brincos e outros objectos de menos valor. O roubado ia a dormir, mas julga que quem o roubou foram dois homens ainda novos, que entraram na estação da Mealhada e sairam na de Oliveira do Bairro. Calcula-se a importancia do roubo em cinco contos de reis aproximadamente. O sr. governador civil Manuel Firmino d'Almeida Maia, a quem o hespanhol se veio queixar do que lhe havia succedido, tomou immediatamente as providencias que o caso pedia.

Corpus Christi.—No proximo domingo deve ter logar na Sé a pomposa festividade do Corpo de Deus, da freguezia da Gloria, com missa solemne, sermão de manhã e de tarde pelo abalisado orador sagrado, o revd.º sr. José Maria Castellão, abbade de Valle de Besteiros. De tarde haverá a costumada procissão, assistindo a phylarmonica *Amizade*.

Festividade.—No domingo houve em Esgueira a festividade do Corpo de Deus. Em consequencia do tempo, a procissão não poude sahir.

Cavallaria 10.—Regressou a força que estava em Tancos, sob o commando do sr. alferes Antunes.

— Seguiu no domingo para Coimbra um destacamento, sob o commando do sr. tenente Fernando Faro.

Charanga.—Tocou domingo no coreto do jardim, depois das 6 horas da tarde.

Desastre.—Um carreiro da Palhaça, indo a dormir na dianteira d'um carro de estrume, teve a infelicidade de cahir abaixo d'elle, passando-lhe as rodas por cima do ventre, de modo que morreu logo arrebentado! Era ainda novo e casado.

Outro.—Um rapaz *ainda* da Oliveirinha, indo banhar-se no sabbado de manhã a uma lagôa, morreu afogado, talvez por ter cahido em algum poço. A auctoridade judicial foi ali levantar o competente auto.

A grande trovoada.—São importantissimos os prejuizos de toda a ordem causados nos ultimos dias pelas *trovoadas*, entre o Pinhão e Barca d'Alva. Nos trabalhos da undecima secção do caminho de ferro do Douro os prejuizos são calculados em quantia não inferior a 150 contos. A trovoada durou hora e meia. Se dura mais algum tempo, a linha ficaria completamente arrasada. As reparações dos estragos não demorarão menos de oito mezes.

— Sobre esta cidade tambem pairaram na tarde e noite de domingo duas trovoadas, mas não produziram estragos. Não succedeu, porém, o mesmo em Angeja, pois alli cahiram duas faiscas, uma na casa de habitação do revd.º sr. Soares da Cruz, não causando felizmente damno algum, e outra á porta da casa do sachristão da freguezia, defronte da egreja, assombrando a creada, que ficou sem falla até á tarde de segunda-feira, em que começou a fallar.

Arrematações.—No dia 14 do corrente hão de andar em praça no Ministerio da Fazenda, em Lisboa, um fôro pertencente á Misericordia do Porto, e imposto no Casal das Mestras de S. Fins, no concelho da Feira; e outro fôro, pertencente á Misericordia d'Aveiro, e imposto em bens do concelho de Ilhavo. No mesmo dia 14 vão tambem á praça no governo civil d'este districto 2 fóros pertencentes ás religiosas do Mosteiro de Arouca, e impostos em bens do mesmo concelho; 2 fóros pertencentes á extincta confraria da Senhora do Rosario de Trofa, e 2 fóros pertencentes á extincta confraria do Santissimo da Trofa do concelho de Agueda.

No dia 16 d'este mez arrematar-se-hão 11 fóros pertencentes á Misericordi[illegible] de Aveiro, sendo tres impostos em bens do concelho de Aveiro, e 7 em bens do concelho de Ilhavo.

E no dia 19 vão igualmente á praça aqui 8 fóros pertencentes á Santa casa da Misericordia do Porto, e impostos em bens sitos no concelho da Feira.

Infanticidio.—O nosso collega do *Oliveirense* refere o seguinte caso de infanticido succedido ha dias em Oliveira d'Azemeis:

«Maria das Mangas é natural de S. Thiago de Riba-Ul. Conta 31 annos de edade e desde os 12 que adoptára uma vida devassa e sem pudor. Tendo creado relações com um soldado do Porto, quizera ligar-se a este, mas a existencia de um filho de 4 annos e meio, dificultou o arranjo. O marmanjo com o filho não recebia a misera. Então no cerebro d'aquella desgraçada começou uma lucta tenaz, persistente. Procurou o asylo da Gandarinha, onde já tinha dois filhos, sob a protecção dos nobres condes de Penha Longa. Procurou o convento de Cucujães, procurou um asylo no Porto, uma pessoa amiga, tudo emfim, esgotou para dar amparo ao filho que a estorvava em seus loucos intentos. Desesperada, um dia desappareceu. Os visinhos desconfiaram. Participado o facto ás auctoridades, foi a porta da casa arrombada e ahi se encontrou toda a roupa da creança, á excepção d'uma camiza. Requisitada a captura, no Porto, da desventurada, veiu ella para as cadeias d'esta villa, onde, a um rigoroso e habil interrogatorio que lhe fez o digno administrador d'este concelho confessou a monstruosidade do seu crime, procurando cobril-o com as apparencias de uma desgraça. Contou que querendo ir para o Porto levar a creança se levantára cedo de mais e passando junto ao poço da caza do Boraco, que é coberta ahi so encostára para descançar. Adormecendo deixára cahir a creança no poço e aos gritos d'esta accordára, descera ao poço, mas encontrára-o cadaver. Por isso a deixara ficar e se resolvera a não gritar para não alarmar a visinhança! A inverosimilhança d'esta historia junta a circumstancia de ter a miseravel apparecido, de facto, toda molhada, no dia de infantecidio, e dizer que aquillo fôra resultado de ter cahido a uma levada d'agua, convenceram logo da existencia da monstruosidade do crime. Factos posteriores acabam de confirmal-o. A creança contava já 4 annos e meio. Diz-se que era muito intelligente e muito desenvolvido. Que a mãe por varias vezes o abandonava, fugindo-lhe e dizendo que elle era uma sombra negra, um tropeço, que lhe embaraçava o seu futuro, e então a pobre creança corria sobre ella, dizendo—minha mãesinha não me fuja, que eu hei de pedir muitas esmollinhas para lhe dar—e de facto pedia e era incansavel em se tornar agradavel á desnaturada mãe! E assim se consumou um dos mais repugnantes crimes de que ha memoria entre nós. A preza tem sido procurada ás grades da cadeia por milhares de pessoas que curiosamente querem ver as feições d'uma aberração monstruosa da natureza humana.

Noticias Diversas

Commercio de Vizeu.—Com este titulo começou a publicar-se em Vizeu, no dia 4 do corrente, um novo jornal. Segue a politica regeneradora. Ao novo collega desejamos longa vida e todas as prosperidades possiveis.

Codigo penal.—Espera-se que o novo codigo penal possa começar a servir de unico texto legal nos tribunaes logo no principio do proximo anno judicial, isto é, em outubro.

Despachos de fazenda.—Effectuaram-se os seguintes:

Foi nomeado delegado do thesouro no districto do Porto o sr. Cabral que exercia identico emprego no Funchal.

Foi nomeado delegado do thesouro no districto do Funchal o sr. escrivão de fazenda do concelho de Villa Nova de Gaya.

Foram transferidos os escrivães de fazenda dos concelhos de Villa Real de Traz-os-Montes para villa Nova de Gaya; de Soure, sr. *Barguete*, para Villa Real de Traz-os-Montes; de Benavente para Soure; de Poyares para Benavente; de Vallongo para Poyares; das Caldas da Rainha para Vallongo; da Fronteira para as Caldas; de Aviz para a Fronteira; de Mondim da Beira para a Certã; da Certã para Almeirim, de Almeirim para a Chamusca; de Portalegre para Evora e o de Elvas para Portalegre.

Foram nomeados escrivães de fazenda dos concelhos: de Mondim da Beira o escripturario de fazenda do concelho de Aviz; e de S. João das Areias o sr. Abranches, escripturario de fazenda do districto de Vizeu.

Foram nomeados visitadores do imposto do sêllo para os logares de outros que foram demittidos os escrivães de fazenda de Evora e da Figueira da Foz, que estava suspenso.

Foram collocados definitivamente nos concelhos: de Montemór-o-Velho o escrivão de Armamar; n'este concelho o de S. João das Areias e na Figueira da Foz o de Montemór-o-Velho.

Despachos de instrucção publica.—Effectuaram-se os seguintes:

José Avelino Nunes de Azevedo, sub-inspector de instrucção primaria do 5.º circulo (Thomar) da 1.ª circumscripção escolar, auctorisado a estar ausente do serviço a seu cargo pelo tempo de trinta dias, para tratar da sua saude.

Padre Manuel José Gabriel dos Reis, exonerado do logar de professor temporario da cadeira de instrucção primaria, 1.º grau, de Pombal, freguezia de S. Vicente do Penso, concelho de Braga, para que fôra despachado em 30 de janeiro de 1884.

Horrorosa tragedia.—A'cerca da horrenda scena de sangue que ultimamente teve por theatro a povoação da Guardia, dão de Caminha as seguintes informações:

«Um carabineiro, de nome Francisco Alvares Fonte-Boa, de 40 annos, pouco mais ou menos, estando de serviço no logar da Passagem (margem direita do Minho), na noite de 26 para 27 do corrente, com outro seu camarada, João Enero, aproveitando a occasião em que este dormia, crivou-o de nove facadas e deixou o por morto.

Em seguida dirigiu-se para La Guardia, que dista d'alli 4 kilometros, e entrando em sua casa das 3 para as 4 horas da madrugada matou sua propria mulher e a enteada, que dormiam, com a arma favorita dos hespanhoes, a *cuchilla*.

Depois d'esta horrivel scena beijou uma filha mais nova de 8 annos de idade, e, em seguida, caia varado por uma bala em frente dos dois cadaveres.

Fonte-Boa, logo que commetteu o primeiro crime, fugiu, deixando a navalha nas mãos do seu collega, que ainda teve força de lh'a arrancar; João Enero, ainda que mortalmente ferido, arrastou-se até uma casa de pasto, que fica a 300 metros do caes, approximadamente. Ahi foram-lhe prestados os primeiros soccorros pelo medico do collegio dos jesuitas, e perto das 11 horas da manhã, expirou, tendo feito algumas declarações.

O assassinado era um homem valente, tinha andado na guerra dos carlistas; contava 36 annos de idade e deixa viuva com seis filhos pequenos. Tinha uma estatura regular, epiderme sardenta e barba loira. Vimol-o completamente nú, estendido n'uma tarimba. O aspecto das feridas ensanguentadas, os choros dos filhos e da viuva, offereciam um quadro triste e commovedor!

Conta-se que o assassino, ainda uma hora antes das horriveis scenas que descrevemos, estivera tomando café com o companheiro n'uma taberna proxima da barraca onde pernoitou; que chegando aqui se assentara n'uma meza a escrever umas cartas, que se diz existem, e que quando viu o camarada a dormir é que se precipitou sobre elle.

O protugonista d'esta tragedia era um homem alto, feições antipathicas, robusto e alguma coisa trigueiro. Está vestido com o seu facto de carabineiro e tem o lado esquerdo do peito queimado e despedaçado. Tinha chegado á Guardia haveria dois mezes vindo de Malhorca, e andou, tambem na guerra dos carlistas, onde se distinguiu pela sua bravura.

Deixou dois filhos, sendo o mais velho uma menina de 8 annos e o mais novo uma creança de 2 annos.

O mais velho conta do seguinte modo os promenores do crime. Alta noite (2 e meia da madrugada), sentiu o pae bater á porta. Pouco depois, a mãe deitou-lhe a chave da janella, como era costume. Fonte-Boa abriu a porta e subiu as escadas, indo direito á cosinha, onde se muniu d'uma *cuchilla* (faca de cosinha.) Seguidamente dirigiu-se á cama em que estava sua mulher e esfaqueou-a.

A pobre mulher, inoffensiva, veiu acabar de morrer no chão, sem dizer palavra. Depois, o homem chamou a enteada, que estava n'um quarto á parte, e, quando este ia a entrar, vibrou-lhe uns poucos de golpes que, segundo parece, a mataram instantaneamente. A este tempo, sua filha, que é a narradora d'estes factos, estava junto d'elle, chorando muito *com medo que a matassem tambem* (diz ella), medo que tambem fez com que a innocente não gritasse por soccorro. Perpetrados os dois ultimos assassinios, Fonte Boa prendeu a clavina de serviço a uma janella, atou um cordel ao gatilho e, depois de ter beijado muito os filhos e de lhes dizer adeus, encostou a bocca da arma ao coração e puxando pelo cordel caiu immediatamente no meio dos dois cadaveres.

Agora duas palavras sobre a causa do crime. Por emquanto é segredo da justiça o que as cartas dizem, e portanto nada de positivo se póde avançar; as versões que correm, porém, é que o assassinado João Manuel Enero mantinha relações com a enteada do assassino suicida, e que a mãe d'esta era connivente n'essas relações. A maioria dos habitantes dizem, porém, que a rapariga era seria e bem comportada. Logo que se desvende o mysterio d'estes crimes tão extraordinarios, serei prompto em lhes participar o mais importante.

Fecho com mais estes promenores:

«Ainda no dia 24 do mez passado as familias de Fonte-Boa e Enero tinham jantado juntas. Fonte-Boa tratava, frequentemente, muito mal a mulher e a enteada.

Segunda feira, procedeu-se á autopsia dos cadaveres, n'uma das praças publicas da Guardia. Uma multidão enchia o local. Os cadaveres estavam em cima d'uns bancos toscos de madeira, collocados no centro da praça.

Foram os medicos D. Leonardo Alvares Vicente e D. Emiliano Gandra, que procederam á operação. Assistiram outros facultativos vindos de fóra, e as auctoridades militares e judiciaes. A autopsia principiou ás 10 horas da manhã e terminou á 1 da tarde.

A rapariga assassinada tinha cinco facadas, sendo tres no peito e duas na mão esquerda. A mulher do assassino-suicida tinha tres, sendo uma no peito e duas na região estomacal. O *cuchillo* com que as desditosas foram assassinadas mede apenas 25 centimetros. Os golpes, porém, são de tal ordem, que parecem ter sido vibrados de modo a enterrar folha e cabo.

O assassino lavou as mãos para não mostrarem sangue, e collocou o *cuchillo* em cima d'um pequeno banco. Na occasião em que beijou os seus dous filhos, encheu-os de manchas de sangue e disse-lhes: «Vou matar-me; quem vos vier buscar que vos dê de comer!»

O candieiro, quando se disparou a arma, apagou-se ficando as creanças ás escuras entre os tres cadaveres.

As cartas que Fonte-Boa deixou são dirigidas aos seus superiores; até agora, nada de verdadeiro consta do seu conteúdo. A autopsia causou uma impressão aterradora, por ter sido feita em publico.«

Quatorze pessoas envenenadas.—Dizem de Bragança que no dia 25 do mez passado se deu alli o seguinte caso de envenenamento:

Quatorze pessoas que ao almoço tomaram leite vendido por uma leiteira, da povoação de Rabal, chamada Manoela, hespanhola, sentiram-se logo muito indispostas, com repetidos vomitos, achando-se algumas em perigo de vida.

Nem a pobre leiteira escapou, porque tendo bebido do mesmo leite contaminado, tambem se acha bastante doente. No cantaro de leite que produziu tão sérias consequencias, foi encontrado um bicho, a que chamam *vacca loura*, que é muito venenoso. A auctoridade tomou conhecimento do caso.

Exposisão internacional.—A Associação Commercial do Porto, resolveu realisar n'aquella cidade, em 1887, uma exposição internacional de todos os apparelhos e machinas conhecidas para a oenologia e viticultura, como a que se effectuou ultimamente em Roma.

Foi nomeada para esse fim uma commissão preparatoria, da qual faz parte o sr. conselheiro Antonio Augusto de Aguiar.

A exposição realisar-se-ha no Palacio de Crystal, havendo durante ella conferencias publicas sobre diversos assumptos vinicolas. Tambem decidiu convidar o sr. conselheiro Aguiar para tomar parte nos trabalhos, que a mesma direcção emprehender na questão dos vinhos, suscitada entre commerciantes e lavradores.

Excellencias de Portugal.—Diz um nosso collega que n'um album de um estrangeiro que ha annos viajou por este reino, leem-se os seguintes *calembourgs* com a epigraphe *Excellencias de Portugal*:

POLITICA

A primeira provincia de Portugal é a de Traz-os-Montes, porque é a unica nas condições de dominar todo o reino. E porque? Porque n'ella estão as *Chaves* de Portugal.

E' tambem a provincia mais onerada com impostos, e onde até mesmo a religião paga direitos. Cousa estranha dirão os incredulos! Pois é tão verdade que ha lá uma *Alfandega da Fé*.

FORÇA PUBLICA

Na Beira Alta o serviço militar é oppressivo e intoleravel. Ha uns poucos de mil habitantes que estão sempre na *Guarda*. E' tambem a Beira, a circumscripção onde mais commodamente se viaja.

Acha-se lá sempre *Certã*, *Manteigas*, *Feijão*, *Farinha*, *Oleiro*, e a pouca distancia o *Cóa*.

ESTATISTICA

Portugal é o paiz mais populoso do mundo. Documentos officiaes asseveram que *cada val* tem 1:500 fogos, o que multiplicado pelos milhares d'elles que em todo o reino existem, dá uma população immensa.

USOS E COSTUMES

As modas francezas invadiram Portugal, e é raro hoje; que não appareça o luxo e a differença no vestuario. A provincia mais atrazada é a do Alemtejo, porque ahi, é que alguem póde ir de *nisa* para toda a parte. De todas as monarchias da Europa, exceptuando a Hespanha, a que sobrevirá a todas é Portugal, porque tem *extremadura*.

A coqueluche—Um novo tratamento.—O doutor Guerder acaba chamar a attenção das Sociedades francezas de medicina para um tratamento contra a coqueluche, por meio do qual logrou salvar trinta creanças consideradas perdidas. O remedio consistiu em insuflações no nariz de um pó impalpavel, composto em partes iguaes de acido borico e de café torrado, pó que é um verdadeiro antiseptico. Quanto á insuflação nazal é ella muito facil e faz-se duas vezes cada vinte e quatro horas. No fim dois dias de tratamento a doença diminue e a cura realisa-se promptamente.

O sr. Michael, de Hamburgo, tambem recorreu ha pouco ás insuflações nazaes de beijoim em pó, e os resultados obtidos foram bons, mas não superiores ás insuflações do acido borico com café. Em todo o caso, pelas experiencias d'estes dois sabios, vê-se que o methodo das insuflações nazaes constitue o tratamento mais inoffensivo, rapido e efficaz na coqueluche.

Correio da moda.—Da excellente revista lisbonense *A Moda Illustrada*, extractamos o seguinte:

No fim do mez de junho começaram todos a deixar a capital e a partir para as aguas e banhos do mar, felizes por deixarem por algum tempo as preoccupações dos negocios e poderem ir gosar um ar mais puro do que o da cidade. Os trajos para banhos do mar, isto é, os que se fazem para entrar na agua, pouco ou nada differem dos do anno passado, pois que não ha meio de variar. O fato é feito em lã sarjada azul escura ou vermelho, e simplesmente guarnecido.

Os bordados ou outros quaesquer enfeites que não sejam as tranças de lã, téem a duração, como diz o poeta a respeito da vida das rosas—*l'espace d'un matin*. Os trajos para banhos fazem-se em duas peças.

Calças um pouco curtas e blusa larga para ser segura com um cinto, ou justa no corpo tendo em volta um folho pregueado que fórma a saia.

Gallões de lã branca ou vermelha guarnecem tanto as calças como a blusa, porém, esta ultima, póde ser um pouco aberta no peito, com grande collarinho á maruja, e deixando vêr um jersey de riscas ou de uma só côr, tendo ao centro uma ancora bordada.

Continuam-se a usar as capas para a sahida do banho. As mais commodas e elegantes são as *retondas* com pregas ou franzidos nos hombros, grande capuz, feitas de lã sarjada bem flexivel, ou flanella, tendo em volta barra formada com tranças de lã ou bordados a soutache fina. Ha tão pequenas novidades a dar sobre *toilettes* que, quando apparece alguma, embora seja de pouca importancia, apressamo-nos logo a fazel-a conhecida das nossas leitoras.

Nas primeiras modistas de Pariz, as mangas são enfeitadas desde o hombro até quasi a meio braço.

Isto favorece muito as senhoras magras com os hombros estreitos.

Assim, as mangas serão meio cobertas com grandres hombreiras, compostas dos enfeites que adornam o resto do vestido. Quando o enfeite é feito de rendas, estas são postas um pouco franzidas em volta da cava, ou mesmo em prégas miudas e chatas.

Ha tambem as mangas todas direitas, com alguma roda, sem terem costura por fóra, e presas em baixo por um folho ou canhão.

Vamos fallar ás nossas leitoras de uma festa dada perto de Pariz, pela viscondessa de Greffulu á gran-duqueza Vladimir, da Russia. Como assistia a ella a primeira sociedade pariziense, as nossas elegantes podem vêr o que mais alli se usa. O convite era para uma merenda á Watteau, aquelle pintor do seculo passado, que vestia as suas pastorinhas de setins e rendas, com grande *panniers*, e rodeadas de flores.

O sitio escolhido para a merenda era uma espaçosa alameda de castanheiros, cujos troncos desappareciam debaixo de um sem numero de flores. Grinaldas de rosas ligavam as grandes arvores entre si, embalsamando a atmosphera e encantando o olhar. As *toilettes* dos convidados eram todas no genero Luiz XV, por serem os trajos escolhidos por Watteau para os seus quadros. Vamos descrever algumas d'essas *toilettes*.

Saia pregueada, de foulard côr de cereja, com polonaise *pongée* creme bordada. O corpo muito justo era coberto com o bordado, deixando vêr na frente o foulard, o que formava pequeno collete. Golla alta bordada de contas rubis. Chapéu de tulle creme com ramos de cerejas.

Vestido russo, feito de crepe da China côr de palha, formando blusa, e esta muito apanhada sobre saia de rendas da mesma côr bordada de seda azul. Cinto e golla de velludo saphira atacado por botões de diamantes. Chapeu *toque madrilena*, de palha, ornado com pompons formado por flores azues presas muito juntas.

Uma outra *toiletie* no estylo Trianon era de musselina de lã branca sobre fundo de seda verde de agua; os pannos da saia abriam sobre concheados de renda branca presos por laços de fita de velludo musgo. O corpo aberto em bico era adornado com fichu bordado. Capelina de rendas, enfeitada com rosas e madresilvas, completava o vestuario.

Havia muitos trajos em velludo e rendas, sendo um d'elles saia verde-musgo com a tunica de rendas crúas de Brujes; fichú das mesmas rendas preso por *agrafes* de esmeraldas; chapéu á Bragança, de palha assetinada com a aba forrada de de velludo, tendo a cópa rodeada de crepe seguro por uma cabeça de ibis.

Já vêem as nossas leitoras que as rendas formam a maior parte das *toilettes*. A nossa informadora de Paris, que assistiu ás corridas de Long-Champs, falla-nos com enthusiasmo no vestuario que alli vira á condessa de Pourtalis, uma das senhoras que melhor se vestem em Pariz. Era simplesmente um grande redingote de siciliana *ardosia* aberto na frente e atraz sobre uma saia de setim *gris-fer* coberto de renda de Chantilly; o corpo muito justo tinha presos nas abas, em franzidos, os pannos que formavam o redingote. A golla muito alta era composta de recortes de siciliana assentes sobre setim e rendas pretas. Alamares de passamanaria fechavam no peito o redingote descendo sobre a saia de renda. O chapéu era uma pequena capota de *point d'esprit* ardosia, enfeitado com violetas de velludo.—*Elvira Gorjão*.

Despachos de fazenda.—José Candido Fernandes, escripturario de fazenda de Pinhões, demittido.

Gustavo da Costa Pessoa, idem de Albergaria, transferido para Bragança, e o d'este concelho, Antonio Joaquim Garcia, para Albergaria.

Domingos Martins Pereira, escrivão de fazenda de Villa de Magdalena (Horta), exonerado como pediu.

Antonio Augusto Freire Brandão, escrivão de fazenda em Ovar, transferido para Ponte da Barca.

Sebastião Pereira da Cunha Sotto Maior, idem de Penella para Ovar.

João Candido de Freitas Henriques, idem de Santa Cruz (Horta), promovido para o concelho de villa da Magdalena.

Ignacio Simões de Oliveira Magalhães, escripturario de fazenda de S. Pedro do Sul, nomeado escrivão de fazenda de Santa Cruz (Horta).

Carlos Boaventura, escrivão de fazenda em Niza, transferido para Fronteira, e o d'este concelho, Bartholomeu Nunes Ribeiro, para Niza.

Bento José Barreiros, idem, em Paredes de Coura, transferido para Melgaço.

Antonio Gomes de Moura Carneiro, idem de Mezão Frio, para Paredes.

Antonio Borges Pinto, escripturario de fazenda de Peso da Regua, nomeado escrivão de fazenda em Mezão Frio.

José Maria Monteiro Ferraz, escrivão de fazenda em Villa de Rei, transferido para Penella.

Ernesto Balbino Vianna Canede, escrivão de fazenda no Seixal, transferido para a alfandega da Fé.

Eduardo Maria Emilio da Costa Caldeira, idem de Marvão para o Seixal.

José Maria Banoeira, nomeado escripturario de fazenda de S. Pedro do Sul.

Guilherme Gonçalves Figueiredo Soares, escrivão de fazenda de Salvaterra de Magos, transferido para Almeirim, e o d'este concelho, Antonio Joaquim Marques Perdigão, para a Certã.

João Bernardo da Silva Velloso, idem da Lourinhã, para Alemquer.

Pedro Duarte de Castro, idem da Arruda, para a Lourinhã.

Boaventura Augusto Simões, idem de Belmonte para a Arruda.

Thiago Cardoso de Lemos, escripturario de fazenda em Gouveia, nomeado escrivão de fazenda em Belmonte.

Candido Maria Aragão e Costa, escripturario de fazenda em Valle Passos, transferido para Gouveia.

Manuel Ignacio Teixeira, idem da Chamusca para Valle Passos.

Antonio Manuel dos Reis, idem da Alfandega da Fé, transferido para a Villa do Rei.

Gregorio Lucio Roballo, escripturario de fazenda de Castello Branco, nomeado escrivão de fazenda para Marvão.

Notas de Touge

A expulsão dos principes.—*Nova medida repressiva do governo franceza*—O governo acaba de pedir uma medida para reprimir as manifestações por meio da fixação de cartazes e exposição em publico de escriptos sediciosos para os quaes estabelece differentes penas.

Houve sobre este projecto uma animada discussão na camara dos deputados:

«O sr. Demole, ministro da justiça apoiou este projecto de lei que apresentou, com um breve discurso frequentemente interrompido, pelos risos e exclamações humoristicas das direitas, que comprehendendo que o golpe era dirigido exclusivamente contra a publicação do manifesto do conde de Paris, calculam que a lei será votada demasiado tarde e não poderá impedir aquella publicação.

No seu discurso, o ministro, depois de explicar a necessidade da lei, pediu que fosse votada com urgencia.

Não tinha pronunciado o ministro as ultimas palavras do seu discurso, quando já estava na tribuna o sr. Paulo de Cassagnac. O discurso do defensor da monarchia foi violento como todos os que faz.

Imprecou o governo, dizendo que elle inaugurou a era da tyrannia e esse é o plano inclinado por onde se rola ao abysmo.

«Attentaes contra a liberdade de imprensa. O terror enlouqueceu-vos.»

Criticando o radicalismo, no qual se lança o governo, exclamou:

«Votando o desterro dos principes, tendes sellado a data da vossa vergonha.»

O sr. de Cassagnac terminou pedindo, como o ministro, que a camara vote com urgencia o prejecto.

«A lei será inutil, accrescentou. O governo acudirá tarde, como os gendarmes da opereta. Quanto maior fôr a urgencia tanto maior será o ridiculo em que caireis.»

O sr. Clemenceau apoiou a declaração de urgencia; mas, ao mesmo tempo, oppoz-se a que o projecto se discutisse em seguida, como parecia ser o desejo do ministro. As direitas riram d'esta apparente contradição.

O chefe radical irritou-se e exclamou cheio de indignação:

«Não deveis rir! Não tendes sido partidarios da liberdade, e o vosso castigo consiste hoje em ter que reclamal-a. Tendes na vossa frente homens que sempre se unirão para combater-vos. Ameaçaes-nos com a revolução: Porque a não fazeis?»

Depois d'esta apostrophe, o sr. Clemenceau explicou, que, tendo, na sua opinião, muita importancia politica o projecto de que se tratava, convinha além d'isso que o ministro désse algumas explicações sobre o seu alcance e sobre os motivos que o levaram a apresental-o.

O sr. Demole explicou então que o seu projecto, estava justificado pela attitude ameaçadora dos monarchicos.

O sr. Paulo de Cassagnac voltou á tribuna e repetiu as suas accusações.

Foi depois approvada a urgencia da votação ordinaria, e terminou o incidente.

Segundo refere o *Figaro*, durante todo o dia 25 de junho não cessaram os visitantes de affluir ao n.° 57 da rua de Varenne.

Em casa do guarda do palacio estão trez livros encadernados em marroquim, ordenados de filetes de prata. O primeiro é destinado ao conde de Paris, o segundo á condessa, e o terceiro ao duque de Orleans.

Quando estiverem cheios de assignaturas serão enviados aos principes e substituidos egualmente por outros, que serão egualmente postos á disposição do publico.

No livro do conde de Paris encontra-se, entre duas assignaturas principescas, esta inscripção:

«Sire, o vosso dedicado X..., fuzileiro do regimento n.°... de linha.»

A familia real chegou a Dover quinta-feira, pelas 7 horas da tarde. Trez horas depois, embora passasse mal no mar, a condessa voltava acompanhada do duque e da duqueza da Chartres, do marquez de Beauvoir, do sr. Gavord, ministro plenipotenciario, e da viscondessa Butler, etc.

A rainha acabava de fazer o seu dever. A mãe ia fazer o seu.

O desembarque teve logar á noite, em Calais, onde, depois d'uma ligeira ceia na *gare* maritima, a coudessa de Paris, a duqueza de Chartres e a viscondessa Butler, se dirigiam em *coupé*-leito ao castello d'Eu.

O duque de Chartres, o marquez de Beauvoir, etc., seguiram immediatamente para Paris.

No dia 25, ás 8 horas e meia da manhã, o sr. de Chevilly, de serviço no palacio Galliera, recebeu da condessa de Paris um despacho, annunciando-lhe que tinha encontrado a princeza Luiza no mesmo estado.

Um segundo despacho, depois do meio dia, fallava de uma melhora.

A condessa de Paris não irá juntar-se a seu real esposo senão depois de completo restabelecimento.

Os dois primeiros secretarios do conde de Chevilly, ficaram até nova ordem no palacio Galliera, que tem fechadas as janellas do corpo principal. Communicam ao conde de Paris, para o palacio Lord-Warden, em Dover, os numerosos testemunhos de sympatia, que chegam incessantemente. Alguns são muito affectuosos. Em muitas cartas, partidarios fieis põem toda a sua fortuna á disposição do partido realista.

Em outras cartas, de modestos empregados do estado, perguntam estes se devem renunciar a servir o governo.

O conde de Paris ainda não tomou nenhuma resolução a respeito do futuro. O que é já certo é que permanecerá, pelo menos, dois mezes em Inglaterra.

—Sobre este mesmo assumpto escrevem de Paris, com data de 30 de junho:

Continuam os partidarios do conde de Paris a trabalhar activamente. Sobem a milhões as cartas que todos os dias saem de França para Dover e Tunbridge-Wells. Segundo informações da policia, abundam as cartas de militares.

A attitude a que hoje se inclinam os monarchicos consiste em apoiar por debaixo de mão todo o manejo dos intransigentes e anarchistas, e se fôr preciso provocal-os indirectamente.

Nas regiões officiaes causa uma impressão desagradavel e bastante irritação o saber-se que de varias côrtes da Europa se enviam cartas muito expressivas ao conde de Paris.

Os radicaes começam a trabalhar agora com novos esforços para a expulsão do duque de Chartres, a quem consideram como o mais temivel da familia.

*

A nova residencia do conde de Paris em Tunbridge-Wells dista 36 milhas inglezas de Londres, onde se vae no caminho de ferro em um quarto de hora.

A cidade, muito fresca, de architectura moderna, contém mais de 30:000 habitantes.

Ha uma grande quantidade de hoteis e casas mobiladas, que desde o mez de abril até novembro estão sempre cheias de hospedes, chegados não só dos outros pontos de Inglaterra, mas até do estrangeiro. De todos os hoteis, o menor talvez, mas o mais confortavel, é sem duvida o Carveley-Hotel, onde está alojado o conde de Paris.

Fica situado no monte Ephraim, á direita. Pouco notavel pelo lado architectonico, é o mais procurado pela excellencia do serviço e sobretudo pela sua situação maravilhosa. E' cercado por um grande parque com bellos passeios. A entrada é precedida d'uma especie de *square* formado pelo relvado d'uma verdura especial, que se não encontra fóra de Inglaterra.

A casa compõe-se d'um rez-do-chão e de dois andares. E' muito bem mobilada. Wells é notavel pelas aguas, comparaveis ás famosas aguas de Spa.

Lord Macaluay fez uma descripção encantadora da vida que em tempos se passava em Wells, no tempo proprio do uso das aguas.

Habitavam-se barracas ambulantes, que se transportavam para um ou outro sitio escolhido pelo forasteiro.

As formosas raparigas de Kentish vinham dos arrabaldes trazer o leite e as fructas, reclamando apenas em troca um elogio á sua belleza. Eram realmente pittorescas, vistas com o seu trage aldeão, com grandes chapeus de palha e com sapatos de grande salto.

Ourives, bulfarinheiros, mercadores de Londres, vinham todos n'essa occasião, e estabeleciam as suas tendas debaixo das arvores. Todas as noites se dançava desenfreadamente ao ar livre.

Mas não é só a virtude medicinal das aguas, que alli attráe os viajantes.

Grande numero de estrangeiros alli vão todos os annos admirar a belleza do sitio. Os rochedos que cercam Wells são cobertos d'uma vegetação luxuriante.

A fonte principal das aguas de Wells tem o nome de Chalybeate-Spring. Fica n'um grande parque, onde ha tres lagos, cujas bordas assombreadas pela rama frondente do arvoredo offerecem os mais deleitosos passeios, durante os dias calmosos do estio.

A fecundidade.—Uma curiosa noticia do sr. Delaunay na *Revue scientifique*, dá-nos promenores assombrosos da fecundidade de certos animaes. Nos animaes inferiores, a fecundidade não tem por assim dizer limites. O sr. Pasteur demonstrou com que inacreditavel rapidez se desenvolvem os microbios. Uma borboleta põe ordinariamente 400 ovos. Uma formiga branca põe 60 ovos por minuto. Uma abelha põe cada anno 6:000 ovos. Uma mosca póde produzir cerca de 800 mil moscas semelhantes a ella. Emfim, a posteridade de uma lagarta eleva-se á cifra phantastica de 45.460:000 á oitava geração. Os peixes põem ovos aos mil. O arenque, cuja fecundidade é tão fallada, apenas põe 10:000 ovos, uma carpa 25:000, um peixe persico 580:000, a femea do esturgeão 7.653:200. A femea do bacalhau produz 9.350:000 ovos.

ALGUMAS PALAVRAS

ÁCERCA DA ORGANISAÇÃO DE UMA SOCIEDADE OU COMPANHIA EXPLORADORA DA RIA D'AVEIRO

Havendo tomado o encargo de colher e colligir alguns dados e bases geraes para a constituição de uma sociedade, que se pensa em organisar, para a exploração das agoas e terrenos salgados da vasta ria d'Aveiro, e não permettindo os estreitos limites d'esta memoria, nem se tornando tão pouco necessario por emquanto, trabalho mais desenvolvido, vamos tentar esboçar a largos traços qual o pensamento que, a nosso vêr, deve presidir á organisação da sociedade, e quaes os recursos e elementos de que poderá dispôr para a realisação do fim a que se propõe.

Não é um estudo completo, sobre o assumpto que hoje se discute, o que nos propômos apresentar. Exigiria elle uma ordem de trabalhos muito complexos e demorados que realmente esclareceriam bastante a discussão, illucidando-a nos diversos pontos sobre que deve versar, mas que a melhor e mais dedicada boa vontade de um só não poderia vencer no curto prazo em que teve de ser escripta esta memoria.

Além d'isto, do que hoje se trata é apenas de resolver sobre a conveniencia ou inconveniencia da formação de uma sociedade que se proponha aproveitar os grandes elementos de riqueza publica, que hoje se encontram ainda ao abandono por toda a enorme superficie da chamada ria d'Aveiro, e não se acham portanto definidos ainda os verdadeiros fins d'essa sociedade, ou até onde deva estender-se a sua acção.

Rezumir-nos-hemos pois a simples

Fernando de Vilhena

O ANJO DA CARIDADE

DRAMA EM 4 ACTOS

Representado no Theatro dos Artistas Aveirenses em beneficio do Azylo de José Estevam em 1877, no Theatro Recreio Artistico, em Ilhavo, e em Vianna do Castello

PERSONAGENS

Manuel Lopes	62	annos
Padre José	68	»
Carlos d'Azevedo	25	»
D. Jorge d'Azevedo	60	»
Sinfronio Amado	32	»
Gaspar	56	»
Leonardo	23	»
Jeronymo Soares	27	»
Pedro d'Alarcão	30	»
Francisco	25	«
Antonio	21	»
Maria Lopes	64	»
Rosa	23	»
Izabel	22	»

Camponezas, povo e barqueiros.

O 1.° acto passa-se em 1875; o 2.°, 3.°, e 4.° em Vallada, em 1876.

ACTO I

Uma povoação proxima da Estação de Ermezinde. Ao F. a montanha. Sobre um dos seus córtes mais baixos e, nivelando-a com a maior elevação, um aqueduto, por onde tem de passar a locomotiva, que no fim do acto atravessa a scena. Á D. B. uma casa modesta, mas elegante, com porta ao centro, que dá para o interior. Eleva-se sobre esta um docel de trepadeiras em flôr, que cahem pela parede até ao chão. Dois pequenos bancos de pedra, dispostos symetricamente do lado inferior, á bocca da scena. Á E. C. um cruzeiro antigo, coberto de musgo e heras.

SCENA I

ROSA E MANUEL LOPES

Rosa (*regando as trepadeiras*).—Estão tão crescidas, meu pae. Olhe como vêm rebentando todas e o seu aroma tem embalsamado o ar.

Manuel Lopes (*sentado n'um banco de pedra junto á porta d'entrada*).—Fallas o portuguez de tal maneira, que eu d'aqui pouco chego quasi a não entender-te uma palavra.

Rosa.—Então não quer que lhe falle das minhas pobres flores?

Manuel Lopes.—Pobres? Se lhes não falta mimo, se todos os teus cuidados são as tuas flores, se o tempo lhes vae sereno e creador... Pobres? não sei porque.

Rosa (*tristemente*).—São flores do campo! (*mudando d'inflexão*) Mas têm a formusura das rosas do Japão, não é verdade, meu pae? Olhe como estes botões vermelhos se desenrolam d'entre aquella voluta de carmim... Parece de velludo esta florinha, apesar de ser do campo. E que tem que ella nascesse entre as espadinhas da relva, se eu lhe quero tanto, se eu sou doida por todas ellas? (*pausa*) O' meu pae: está aqui um martyrio que se não tinha aberto ainda hontem. De noite...

Manuel Lopes (*interrompendo-a*).—Doidinha! Pois tu não sabes que o Senhor escolhe as noites de lua cheia para fazer desabrochar, na callada, as flores bonitas?

Rosa (*com intenção*).—O meu pae fallou agora o portuguez de tal maneira...

Manuel Lopes (*interrompendo-a*).—Ora... ora... Pois se eu fallava de Deus...

SCENA II

OS MESMOS E MARIA

Maria (*entrando*).—A velha então, porque é velha, fica sósinha ao canto da lareira, emquanto que os meninos...

Rosa.—Tratávamos das minhas flores, mãesinha.

Maria.—Bem vejo. Mas que faz teu pae alli sentado?

Manuel Lopes.—Eu... Estava a apanhar uma resteasinha de sol. Nós cá, os velhos, vamos colhendo d'elle o calor, que nos vae faltando ao corpo. Senta-te ao pé de mim, Maria. Tens aqui este banquinho, que foi feito para ti, ha perto de 25 annos, quando as noites de verão nos traziam no seu socego, as consolações á nossa vida afflicta. Agora, que Deus nos deu um tectosinho, que nos resguarda da chuva, e uma arca pequena aonde recolhemos o milho das nossas sementeiras, é justo que vamos descançando de tanta lida, que é de mais para tão pouca vida, pois não é assim?

Maria.—Emquanto os braços quizerem, não hei de ser eu quem descance. Parece que não logro saude sem que me deite á noitinha, cançada de trabalhar. Assim não se governa vida: um sentadinho ao sol, a outra a regar umas folhas seccas...

Rosa (*poisando o regador*).—Por mim já não será a duvida, mãesinha. As minhas flores já não têm sede. Hoje demorei-me mais tempo a tractar d'ellas, porque nem ante-hontem, nem hontem as pude cuidar, *bem sabe*.

Manuel Lopes (*sorrindo*).—Então que fizeste tu, mulher?

Maria.—Esteve a arranjar-te a fatiota, para que appareças aceado deante dos teus conhecidos. Engomou-te as tuas camisas, preparou-te a roupa e muitas coisas mais, que eu te não digo, porque em summa... (*ouvem-se perto algumas violas, que tocam a Ribaldeira, a acompanhada por uma voz de mulher.*)

Rosa.—Ora... grande coisa... (*meigamente a Manuel Lopes*) Fiz a minha obrigação.

Manuel Lopes (*levantando-se*).—Pois então toma lá um beijo, em paga.

Rosa (*affastando-se para o meio da scena*).—Ahi vem a Izabel a cantar. Não lhe conhece a voz, mãesinha? (*Os aldeãos veem descendo a montanha*).

Manuel Lopes (*a Rosa, erguendo-se. Maria levanta-se tambem*).—Sempre me sahiu uma estroina aquella tua prima...

Maria.—Estroina? Que dizes tu, homem! E' amiga de se divertir a rapariguinha. E' divertida, coitada! Mas estroina? (*Vem entrando em scena uma multidão de povo e camponezas, que se extendem pelo palco um pouco abaixo da montanha formando grupos irregulares*)

SCENA III

OS MESMOS, LEONARDO, ANTONIO, FRANCISCO, IZABEL, POVO E CAMPONEZAS

Rosa (*indo ao encontro d'Izabel*).—Até que chegaste. Cuidei que não vinhas, Izabel. Disseram aqui depois, não sei quem foi, que teu pae...

Izabel.—Ora... foi agua passada, que já não móe moinho. (*Baixo*) O sr. Carlos...

Rosa (*interrompendo-a*).—Que te disse? Encontraste-o já hoje? Fallou-te de mim? Dize, depressa.

Izabel.—Espera, rapariga. Devagar se vae a Roma.

Rosa (*tristemente*).—Ah! E' que eu quero-lhe tanto...

Izabel.—Pois olha que não tardará muito tempo. Perguntou-me por ti e disse-me que vinha ver d'aqui passar o comboio.

Rosa.—Oh! meu Deus! que doido aquelle. E com meu pae aqui...

Izabel.—Teu pae vae á estação.

Rosa.—E o sr. Carlos já o sabe?

Izabel.—Parece-me que sim, pelo que lhe ouvi dizer ao sr. visconde... (*Descem até ao cruzeiro. Rosa sóbe ao 2.° degrau e Izabel fica no 1.°*)

Francisco (*entregando uma viola a Antonio, que começa a afinal-a*).—Anda lá, afina o realejo. Mas não lhe estoires as cordas, olha que te leva o diabo.

Manuel Lopes (*a Maria*).—Hum... Embirro tanto com aquella tua sobrinha!... Tem má cara para santa. Aquelles olhos de serpente negra... Finalmente, não sympathiso.

Maria.—Ora deixa-te de tolices. E' bem boa rapariga, coitada! E' infeliz, porque quasi ninguem gosta d'ella, isso é verdade. Mas é por isso mesmo que eu tenho dó da pobresinha!

Manuel Lopes.—Nasci tarde para frade. Emfim póde ser... póde ser... Mas se o meu olho me não mente...

Antonio (*depois de ter estourado uma corda da viola*).—Maus diabos te carreguem! Quem te mandou cantar antes do tempo?

Leonardo.—O' *seu Fracisco*: você parece que é bruxo.

Francisco.—Vae-te para o diabo. Quem te chamou para a conversa, telhudo?

Leonardo.—Está bom! Ralhe mas não bata; que eu não offendi vocemecê em coisa nenhuma! Ora essa! Por lhe chamar *belishome*?

Francisco.—Se me chamasses lubishome, arrancava-te as orelhas, phantasma!

Leonardo (*aterrado*).—Ai Credo! Nossa Senhora do Carmo! Pantasma eu! O' *seu Fracisco*: não me chame isso!

indicações, mais ou menos justificadas por maior ou menor numero de factos e dados colhidos, e em harmonia com os principios estabelecidos pela sciencia moderna, para o apreveitamento, em favor da industria, das condições especiaes em que se encontra a ria d'Aveiro.

Pela sua posição e configuração geographica, e conjuncto de circumstancias pouco vulgares que n'ella se dão, toda a extensa planicie, ora cortada, ora coberta d'agoa pela ria d'Aveiro e suas numerosissimas ramificações, parece destinada a tornar-se, n'um futuro mais ou menos proximo, em um importantissimo factor de riqueza pubica desde que os productos naturaes, que n'ella se desenvolvem espontaneamente, sejam sabia e convenientemente protegidos pela mão do homem, auxiliados no seu desenvolvimento, e cuidadosamente levados ao seu maximo de valor.

Poucas vezes se encontrará reunido no mesmo local, e em condicções tão favoraveis e convidativas, maior numero de requisitos essenciaes para a aplicação á pratica, com indubitavel vantagem, dos modernos systemas da cultura das aguas. Chega mesmo a ser incomprehensivel como, sendo geralmente conhecidos os admiraveis progressos da sciencia n'este ramo de industria, e incontestaveis os immensos beneficios que da sua adopção na pratica podem advir ás povoações lacustros, se não tenha ainda pensado mais seriamente em Aveiro no grande partido a tirar e auspicioso futuro que lhe proporciona o aproveitamento, por meio da cultura adequada, das agoas da grande bacia hydrographica do seu porto admiravelmente talhada e disposta para tal fim.

N'outros paizes, onde se trabalha mais activamente na resolução dos grandes problemas sociaes, dos quaes é sem contradicção um dos mais importantes o da alimentação humana, procura-se dar o maior impulso á piscicultura, promovendo a sua applicação em todos os pontos em que pode ter logar. A iniciativa official vae na frente da particular, desbravando-lhe o terreno, incitando-a e procurando convencel-a praticamente das suas grandes vantagens.

Entre nós pouco ou nada ha feito n'este sentido, que nos conste. Em Aveiro teem sido ensaiadas algumas tentativas de iniciativa particular, mas tão frouxas e dispondo de tão acanhados meios de acção, que os seus resultados, embora animadores, mal podem dar-nos uma ideia aproximada do grande valor dos productos que annualmente deixam de ser aproveitados na ria d'Aveiro pela incuria ou talvez desleixo dos habitantes da cidade e povoações ribeirinhas, os quaes não sabem ou não querem empregar os meios para tornar uteis os subidos dons com que a natureza prodigamente os dotou.

Hoje, porém, que parece ir calando no animo de todos o convencimento de que não basta possuir, mas de que é mister saber usar, tornando-a productiva e rendosa, a propriedade, talvez a nova tentativa que se projecta, mais vigorosa e dispondo de mais largos meios de acção, mais bem pensada e reflectida e com muito maior numero de elementos para arrostar com as contrariedades, embaraços e attrictos que encontra sempre a lucta pela civilisação, talvez repetimos, e é mesmo muito provavel que ella consiga que não esteja longe o dia de vêr convertido em realidade o que por agora é apenas uma utopia para uns, uma chimera para outros, e a aspiração da maior parte que anhela por vêr a ria de Aveiro convertida n'um importantissimo centro de actividade industrial, onde a par da já notavel industria do sal prosperem e floresçam a da piscicultura, ostreicultura e outras que, embora já em exploração, estão muito longe ainda de haverem attingido todo o grau de desenvolvimento de que são susceptiveis.

E não se pense que exageramos, ou que o enthusiasmo pela ideia que hoje nos prende a attenção faz com que encaremos as cousas atravez de um prisma de côres deslumbrantes, mas illusorias. Avançamos sómente até onde chega a verdade dos factos. Indicando a ria de Aveiro como um possivel manancial de incalculaveis riquezas, não vamos mais longe que muitos outros, cuja auctorisada opinião é a mesma, nem estamos em desaccordo com os resultados que alguns pequenos ensaios e experiencias deixam prever. A sua vastidão, a enorme superficie que ainda hoje occupa e os variadissimos usos a que ella se presta nas differentes zonas em que se divide, dão logar ao estabelecimento de diversas industrias, d'ordem distincta, qual d'ellas mais promettedora e com mais largo campo para se poder desenvolver com toda a actividade necessaria, sem que uma tenha a soffrer com o maior incremento que outra venha a tomar, antes podendo auxiliar-se reciprocamente.

Não cabe n'este trabalho uma descripção minuciosa e circumstanciada da ria d'Aveiro, que aliaz é bem conhecida dos habitantes d'esta cidade e mais povoações que a circundam. Pela planta junta da bacia hydrographica da barra poderão aquelles que a não conhecem ainda, ou não hajam tido occasião de a avaliar, ficar fazendo uma ideia exacta da sua disposição e grandeza.

De norte a sul, desde o Carregal, proximo a Ovar, até ao Areião, perto de Mira, mede esta grande bacia extensão superior a quarenta kilometros. A sua largura é extremamente variavel, adquirindo em alguns pontos mais de dois kilometros e subvidindo-se em differentes canaes, lagos. esteiros, etc., que se multiplicam em direcções diversas. N'este numero entram os importantes canaes de Ilhavo e Boco, d'Aveiro, de Canellas, de Estarreja, etc.

A profundidade das agoas em toda a ria, que n'outros tempos era notavel, não excede hoje, a não ser na linha das correntes dos grandes canaes, a dois metros, decrescendo sensivelmente á medida que as agoas se aproximam das margens. Os diversos fundos ou são de areias movediças onde as correntes teem maior velocidade, ou de vasa resultante das diversas camadas sobrepostas de terras d'alluvião arrastadas na corrente dos dois principaes rios que aqui vem desagoar, o Vouga e o Antuã, e d'outros riachos.

E' pelo canal da barra que as agoas do Oceanno se lançam d'entro d'esta enorme bacia, espraiando-se por todas as suas ramificações, ora cobrindo, ora deixando a descoberto grandes superficies de terreno, conforme o fluxo ou refluxo das marés.

Pela sua grande extensão e distancia a que ficam do canal da barra, a oscillação das marés não é sufficiente para a renovação completa das aguas que enchem a maior parte dos canaes, lagos e esteiros, resultando d'aqui que alguns, recebendo as aguas dos ribeiros ou regatos que lhes são tributarios, as conservam mais ou menos misturadas com as que lhes vem do mar, o que dá logar a differentes salsugens, conforme se acham proximas ou affastadas e em communicação mais ou menos directa com o canal da barra.

Esta circumstancia que é importante para a industria salineira e limita o seu campo de acção ás proximidades da barra e canaes onde as aguas chegam mais saturadas de sal, não obsta todavia a que toda a ria seja mais ou menos povoada de differentes especies de peixes e mariscos, sobre os quaes se exerce a actual industria da pesca, nem tão pouco a que no seu fundo vegetem e tomem grande desenvolvimento as algas marinhas, cuja colheita constitue uma outra industria largamente explorada, a da apanha dos moliços.

Taes são, em resumo, os traços geraes e dados mais importantes ácerca da ria d'Aveiro, que por emquanto nos convem saber.

Entrando agora n'outra ordem de ideias, diremos algumas palavras sobre as differentes industrias que actualmente se exercem na mesma ria.

A industria do sal, que tem incontestavel direito ao primeiro logar, se não pelo valor total dos seus productos, pelo aperfeiçoamento relativo a que tem chegado, póde julgar-se mui proxima do seu maximo desenvolvimento, compativel com a qualidade dos terrenos e constituição chimica das aguas da ria.

Os processos que n'ella se empregam, e os meios d'acção de que dispõe, se admittem ainda proveitosas innovações, estão comtudo em condições favoraveis e a mesma pratica se encarregará de introduzir-lhe os aperfeiçoamentos de que carecem ainda.

E' aquella para que mais teem convergido as attenções da iniciativa local, e a sua producção annual póde calcular-se, sem grande erro, em cincoenta contos de reis.

Figura em segundo logar, já pela cifra a que montam os seus productos, já pela larga escala em que se acha estabelecida e beneficios que d'ella resultam para a agricultura dos terrenos marginaes da ria e ainda d'outros mais affastados, a industria da apanha do moliço.

Debaixo d'esta denominação comprehende-se o levantamento annual, e aproveitamento para adubos agricolas, de grande parte das plantas aquaticas que vegetam no fundo da ria e ainda d'aquellas que crescem espontaneamente nos terrenos, hoje a descoberto, que antigamente constituiam o alveo da ria.

Não obstante o grande numero de braços que diariamente se empregam no exercicio d'esta industria, e que não exageramos calculando em cem operarios, é facto que uma parte, talvez um terço proximamente, dos moliços produzidos pela ria deixam de ser levantados durante o anno. E' tal a abundancia e tão vasta a superficie sobre que se desenvolvem estes vegetaes, que se chega a abandonar a sua colheita em certas occasiões, logo que elles não estejam de tal modo densos e accumulados que os barcos que se entregam a este serviço possam obter carga completa em algumas horas de trabalho.

A falta de criterio com que é permittido, ou pelo menos tolerado em todo o tempo, o exercicio d'esta industria, salvas pequenas, irregulares, mal determinadas e nem sempre respeitadas interrupções, é uma das causas que mais concorre para o empobrecimento que cada vez se vae notando mais nas especies de peixes que antigamente abundavam na ria.

O valor dos productos devidos a esta industria sobe á importante verba de duzentos contos de reis annuaes, aproximadamente; podendo dizer-se que ella se acha generalisada em toda a ria e pouco susceptivel já de innovações de que lhe resultem interesses immediatos.

(*Continua.*)

Correio do Sul

Lisboa, 5 de Julho de 1886.

(D'outro nosso correspondente)

Faz hoje 275 annos, que se estabeleceu, que só podesse usar de espingarda, quem tivesse dois mil crusados de seu. Uma tal restricção parece dar a entender que só quem tal *fortuna* possuisse, teria juizo prudencial, para poder portar armas de fogo. Hoje, porém, a *coisa* está mudada: póde usar de armas quem tiver plumas, ainda que sejam feitas de pennas de pato; medalhas, ainda que o sejam de arraial, e galões, embora galões de... Não só póde usar d'armas, póde até vender juizo, e fazer versos e reportorios. E' um sabio.

— Uma historia, que me foi contada pelo meu velho amigo, o sr. F. de S., com quem ella se passou. E' s. s.ª quem falla: «Levantei-me na quinta feira pelas 6 horas da manhã, e fui ao mercado 24 de Julho. Vi uns linguados, peixe de que muito gosto, perguntei o preço, disseram-me que 450 reis cada um. Comprei dois por 900 reis e mandei-os para casa pela criada, que já então se achava ao pé de mim. N'aquelle momento chegaram dois hespanhoes: —*Mira, muguer, quanto?*... Dois duros o par! Era o dobro do que eu tinha dado: repugnou-me o descaramento da peixeira, e fiz signal aos homens, indicando-lhes que não deviam dar mais do que um. Ella percebeu, e ó diabo, que tal fizeste! Passou-me, peixeiramente, uma descompostura de levar couro e cabello. Eu, nada lhe dizendo, sorria-me sardonicamente, para mais a acirrar. A mulher ia affinando progressivamente, e tornou-se uma barata, uma cobra assanhada: toda a gente, que tal estava presenceando, admirava a minha fleugma. Tinha eu chegado ao meu *desideratum*. Tomei testemunhas, chamei um policia, disse-lhe que aquella mulher me estava insultando sem causa nem motivo, pois que lhe não tinha dirigido uma unica palavra; contei a verdade toda, tal qual se tinha dado; os hespanhoes e portuguezes confirmaram quanto eu acabára de expôr. O policia carregou o sobr'olho; e escusado seria dizer, que de momento a raivosa vibora se transformou em meiga pomba. Os hespanhoes deram um duro por dois linguados, e a pantera ainda me agradeceu a lição que lhe déra por tão diminuto preço, quando lhe poderia ter custado muito cara, em presença dos palavrões de que se serviu, na monumental descompostura, que, peixeiramente, me passou, por eu querer apenas evitar que tão descaradamente fossem roubados os dois filhos de Cervantes.» Parece que a policia deveria intervir n'estes e casos analogos, que a toda a hora e momento se dão; e nem só metter, á viva força, a mão nas algibeiras do proximo, é roubar.

— Contraste: Indo a Belem, apiei-me do americano em frente da pharmacia Franco, por ver alli uns amigos. Entrei, fallámos e viemos para a porta, a ver passar os devotos que vinham da missa dos Jeronymos, na sexta-feira. Passaram, *calcante pede*, um cavalheiro e duas damas. Elle de porte grave e decentemente vestido de preto: ellas egualmente graves, e muito bem vestidas, de escuro, com toda a simplicidade e singeleza. Não lhes vi um unico objecto d'ouro, além de delgadinhas pulseiras. Uma alta, delgada e elegante, andando e pizando com toda a naturalidade, sem a menor affectação, levava do lado esquerdo o cavalheiro, e do direito a outra dama, um tanto mais baixa, mas egualmente grave e séria. A pouca distancia, na rectaguarda, iam duas senhoras e um *bébé*. Uma e outra d'arredondadas formas: uma vestia de azul claro, com enfeites côr de castanha madura, a outra de côr de sangue de drago com enfeites pretos. Seus vestidos, *verdadeiras peças de fazenda*, tinham um sem numero de folhos e grandes tufos de variegadas côres, e levavam descommunaes *ternurs*! Das orelhas e dos collos haviam feito *vitrines* de joalheiro; dos braços e dos pulsos taboletas de ourives. Auriferas creaturas! Aquellas passaram quasi desapercebidas dos mirones; estas deram nas vistas aos transeuntes, porque, ao luxo aziatico, reuniam o bambolear do pato; iam impertigadas como gallinhas da ilha, e soberbas como perús encachoados. Bons typos! Respeitaveis matronas! Aquellas eram, a princeza D. Amelia, e a sua dama, acompanhadas pelo sr. visconde da Lançada: estas, duas comadres curiosas, que moram no bairro da Alfama, e haviam ido passar o dia a Belem: assim o disse um dos amigos que alli estavam, e a todas conhecia, ao menos, de vista. Não é o habito que faz o monge!...

— Inteiriçam-se os membros, tornam-se hirtos os musculos e irriçam-se os cabellos ao ler-se ou ouvir-se ler a tragedia da Guardia. E' de tremer como varas verdes!

— Continua o debique o dize tu, direi eu, sobre reforma administrativa; mas o carro do triumpho parece ter prego na roda, porque não tem adiantado um melimetro. Não é dos melhores signaes o estacionamento quando é necessario andar e até não parar.

— Sem reclames em pomposos annuncios; de improviso e sem ser esperada, houve divertida tourada na Avenida: um boi, cabresto do gado bravo, que se abate no matadouro, entendeu que devia fazer uma surpreza á cidade, e veio passeiar pelas ruas, Avenida, etc. Não constam cousas sérias a lamentar. Tudo se resumiu a atropellos; aqui cáio, além me levanto; encontrão d'aqui, encontrão d'além; gritos, balburdia, uma confusão enorme, mesmo porque foi a horas em que as portas do Colyseu vomitavam os espectadores, e na Avenida andava muita gente tomando ar e passeiando; mas mais nada, senão a caçoada do *bicho* com a policia e com os guardas da alfandega, a cujas intimações respondia com uma carreira de rabo embandeirado, e mostrando-lhe... o quarto trazeiro.

— Será verdade o que dizem os jornaes do norte a respeito da entrega de um prezo ás auctoridados hespanholas, pela policia de Braga? Se é tão verdade como se conta, e pela maneira como se conta, dir-se-ha que ainda estão governando os regeneradores. Será bom indagar, e dar a cada um aquillo a que tiver direito. Nem outra coisa é de esperar do actual governo.

— Diz-se que El-rei sáe para o estrangeiro até ao fim do mez, e que se demorará mez e meio na sua digressão.

— A corveta *Affonso d'Albuquerque* está em arranjos por ser destinada a conduzir S. M. ao estrangeiro. No dia 26 deve estar prompta para levantar ferro e fazer-se ao largo.

— Dizem *as folhas*, que o sr. Fontes está muito ufano, *porque tem ás suas ordens* um exercito de corporações administrativas promptas para o ataque ao primeiro signal de *zaz, traz nó cego*. Parabens!... Por outro diapasão afinam alguns clarinetes, cujos sons se traduzem em: o povo ri-se da philaucia de s. ex.ª e diz *hic campus, ubi Troja fuit*.

Borges.

Sciencias

NOVO INIMIGO DAS VINHAS NO PORTO

Ficamos surprehendidos, ha dias, quando vimos deante de nós um novo inimigo, destruindo com toda a sua energia as *Videiras* que começavam a desenvolver-se viçosamente no *Viveiro de soccorro*.

Não era o *Phylloxera vastatrix*, cuja presença tanto tememos. Era outro inimigo mais agil, e que, sendo d'uma fecundidade espantosa, tem posto em perigo uma grande parte do *Viveiro*.

Bem podemos dizer em Michelet: *Le fléau de tous les instant, de toules lieux, c'est l'insecte!*

E elle cahiu exactamente como se fóra uma nuvem que descesse lá de cima e que pousasse n'uma área determinada.

São vinte ou trinta canteiros, são 5:000 ou 6:000 *Riparias* na rua Taveira de Carvalho que se acham em grave perigo, e que só com muitos cuidados se poderão salvar. E dizemos isto por esta fórma, com toda a singeleza, possivel, para que todos possam bem conhecer que mais um inimigo no bate definitivamente á porta, e que é necessario combatel-o.

E—cousa notavel!—as outras castas americanas que se acham ao lado das *Riparias* não são tão atacadas. Ora, sendo esta, de todas as *Videiras*, uma das que melhor resiste ao *Phylloxera*, é curioso que um outro inimigo se incumba de destruil-a!

Esse inimigo chama-se *Altica ampelophaga;* e, conhecido desde alguns annos em França, poucos prejuizos tem, porém, causado até hoje em Portugal.

E' um coleopetro agil como todos os seus parentes, e, no estado de insecto, é difficil apanhal-o. De tres tentativas—termo médio—conseguimos apenas aprisionar um. Ao approximarmos os dedos, levanta vôo immediatamente, e, deixando a sua pastagem favorita (a folha do parra), vao occultar-se ao lado da *Videira* ou confundir-se com a côr da terra. Mas é um gosto vel-o roer as folhas. Parece faminto, e devora toda a parenchyma, deixando apenas as suas nervuras, como quem come uma gallinha e só deixa de aproveitar os ossos. As folhas representam o aspecto d'uma rede ou d'um crivo.

Nos finas de maio encontramos os primeiros ovos dispostos na pagina infera da folha da parra. Eram vinte e dous de um amarello vivo, formando um grupo encantador. Ignoravamos completamente de que insecto eram.

Collocamol-os sob a campanula para os observarmos, esperando anciosamente a sua eclosão. Poucos dias depois, e de uma noute para uma manhã, as larvas libertaram-se das suas prisões, e mexiam-se instinctivamente, como que ás apalpadellas. Parecia que procuravam alimento, mas os seus movimentos eram descomunalmente livres.

Demos-lhes folhas de *Videira*, e sustentaram-se durante alguns dias; mas, devido provavelmente á falta de ar, ou ao excesso de calor do nosso gabinete, pareceram, e não chegaram a metamorphosear-se em insecto.

Ao mesmo tempo começamos com as pesquizas no *Viveiro de soccorro*, e, infelizmente, descobrimos logo que era a *Altica ampelophaga* que tinhamos a combater.

Em oito dias, os seus effeitos eram incriveis: não se calculam!

As larvas são d'uma cor escura, quasi pretas, e, segundo se affirma, quando não encontram folhas de que se alimentem, passam aos cachos.

Este insecto é muito prolifico, e, no Languedoc (França), chega a produzir cinco ou seis gerações por anno.

Para destruir a *Altica*, emprega-se em França uma especie de bacia de barbeiro em forma de funil, com um sacco na extremidade: saccodem-se os ramos, e os insectos cahem dentro d'esse funil, passando em seguida ao sacco; mas nós é que mal podemos applicar esse meio de combate no *Viveiro de soccorro*, por quanto as *Videiras* atacadas apenas téem alguns centimetros de altura.

Ainda assim mandamos fazer um exemplar d'este apparelho, que está exposto no *Viveiro de soccorro*, e que servirá de modelo para quem vier a precisar fazer uso d'elle.

Em logar do funil de que vimos fallando, em certas localidades as mulheres incumbem-se de destruil-os, apanhando-os nos aventaes e lançando-os em seguida ao fogo.

Recommenda-se tambem deitar ás vinhas algumas aves, como porús e gallinhas, porque ellas incumbem-se de procural-os e comêl-os; e o sr. Tavares da Silva, illustrado membro e secretario da Commissão anti-phylloxerica do norte, lembrou-nos que se ensaiasse a cal misturada com enxofre, e, segundo nos informa, é a Bairrada a região do paiz onde mais estragos tem causado este insecto, apesar dos esforços empregados para o dizimar. Logo que elle alli apparece, muitos proprietarios mandam dar-lhe caça por mulheres ou rapazes munidos de saccos, para dentro dos quaes sacodem as parras, ás vezes cobertas do coleoptero roedor.

Esta operação—accrescenta o sr. Tavares da Silva—é alli feita fóra das horas de calor, porque a temperatura elevada dá ao insecto uma tal agilidade no salto, que difficilmente podem ser apanhados, apesar de fazerem pequeno uso dos seus dous pares de azas.

No Douro encontra-se rarissimas vezes, preferindo ahi o *Bastardo* e a *Touriga*; mas, segundo nos diz o sr. Almeida e Brito, em certos centros vinhateiros do sul tem elle produzido este anno graves desastres nas vinhas.

O insecto é lindo: as azas téem uma côr verde-metallico, com uns reflexos prateados, muito bonitos.

Como todos os coleopteros, tem as azas superiores, duras, servindo como que de estojo ás inferiores, que são membranosas e repregadas transversalmente por baixo das primeiras, chamadas elytros.

Segundo Mr. G. Foëx, a *Altica ampelophaga* effectua n'um mez o ciclo completo das suas metamorphoses. Os insectos perfeitos que apparecem na primavera passaram o inverno sob as cascas ou nas cavidades dos muros, e, logo que o sol tepido d'abril começa a fazer rebentar as *Videiras*, as *Alticas* devoram as folhinhas e os novos sarmentos. Depois vem a copula, e em seguida cada femea põe vinte ovos, pouco mais ou menos, na pagina infera da folha. Passados sete ou oito dias sahe uma pequena larva preta, que come a folha, e em quinze dias attinge o seu estado adulto.

Tomando-se como média cada postura de vinte ovos, o que não é demasiado, porque quasi sempre temos encontrado mais, e admittindo-se que em Portugal podemos ter, como é possivel e provavel, seis posturas por anno, obteremos logo os seguintes algarismos, que vão causar horror:

1.ª	postura	do	1.º	anno 20
2.ª	»	»	»	400
3.ª	»	»	»	8:000
4.ª	»	»	»	160:000
5.ª	»	»	»	3:200:000
6.ª	»	»	»	64:000:000

Este calculo, que nada tem de exaggerado, dá-nos para o 2.º anno, partindo do ultimo algarismo:

1.ª	postura	do	2.º	anno 1.280.000:000
2.ª	»	»	»	25.600.000:000
3.ª	»	»	»	512.000.000:000
4.ª	»	»	»	10.240.000.000:000
5.ª	«	»	»	204.800.000.000:000
6.ª	»	»	»	4.096.000.000.000:000

Repetimos: quatro quatriliões e noventa e seis triliões de roedores, produzidos em vinte e quatro mezes por um unico insecto! Ora, se continuassemos com o calculo até ao terceiro anno, veja-se a que algarismo não chegariamos! Uma propagação simplesmente espantosa!...

E eis aqui como a viticultura está a braços com um parasita, que sérios damnos poderá vir a produzir no futuro, sobretudo nas vinhas novas, como já os está causando nos nossas sementeiras.

Muito naturalmente, todos aquelles que se occupam da viticultura desejarão saber o que fizemos para combater este novo mal, que tão desabridamente nos veio ameaçar.

Não cruzamos os braços; mas, em logar de applicarmos qualquer dos meios de combate conhecidos até hoje, applicamos todos simultaneamente, porque qualquer d'elles não podia prejudicar os outros, e, assim, tinhamos mais probabilidades de nos vêrmos livres de tão terrivel praga.

1.º—Apanha á mão das larvas e insectos;

2.º—Aves na vinha (perús);

3.º—Cinza e enxofre;

4.º—Cal e enxofre.

A' primeira vista parece um brinquedo lançar os perús á vinha; mas, quem os observar, verá o excellente serviço que elles fazem, sem estragarem uma unica folha das *Videiras*. Procuram os insectos e saboreiam-os como delicado manjar, de mistura com as hervas que pullulam pelas margens dos canteiros.

Quanto á applicação dos insecticidas (cinza, enxofre e cal), preferimos fazel-a em mistura de partes eguaes por meio d'um crivo muito fino. Ensaiamos as enxofradeiras de caout-chouo, mas pareceu-nos não darem bom resultado, porque as *Videiras*, tendo apenas alguns centimetros d'altura, não permittiam facilmente que se executasse a operação na face inferior das folhas.

Este tractamento foi feito em tarde serena, quasi ao escurecer, e depois de leve rega. Pareceu-nos conveniente regar a terra e as plantas, para que a cal podesse produzir promptamente a sua acção cauterisadora.

No momento de polvilhar as plantas e o terreno, os insectos, aos centos, davam saltos rapidos e faziam varias evoluções gymnasticas, cahindo quasi sempre sobre o dorso. Pareciam estonteados e mostravam bem que não podiam estar em contacto com o remedio que lhes applicavamos.

O que é facto é que as *Videiras* atacadas pela *Altica ampelophaga* parecem-me reviver, e esperavamos salvar ainda muitas que julgavamos perdidas; mas, se nos perguntarem qual foi dos remedios o que fez o milagre, não poderemos responder.

Em todo o caso, a apanha dos insectos á mão e uma vigilancia rigorosa na occasião da postura, affigura-se-nos ser o mais importante para a *Altica ampelophaga* não chegue a produzir os seus desastrosos effeitos.

Vigilancia, e muita vigilancia, é o que temos a recommendar n'este periodo critico que vamos atravessando.

DUARTE DE OLIVEIRA, JUNIOR.

Bibliographia

—«*O regulamento da policia.*—O n.º 301 da *Bandeira Portugueza* publicou o regulamento da policia civil de Lisboa mandado elaborar pelo sr. Peito de Carvalho e que faz parte importante dos escandalos da policia. E' curioso porque é um documento inedicto. Na secção artistica, vem uma bella quadrilha de contradanças para piano, *Surprezas e desenganos*. Assignatura, trimestre 700 réis. Assigna-se na rua dos Fanqueiros, 207, 1.º—Lisboa.»

—«*Revista Pedagogica*, orgão do professorado primario do norte do paiz. Directores—A. J. Macedo, Torquato Fernandes e A. Ferreira d'Almeida.

Recebemos a numero 4 d'esta explendida revista, que agradecemos, e cujo summario é o seguinte:

Noção, divisão e importancia da educação (continuação), por J. Augusto Coelho—O ensino da leitura e da escripta (continuação), por Alexandre das Dôres Casimiro—Resumo de astronomia descriptiva (versão), por D. Mendes da Costa—Ordenado dos professores primarios, por A. Ferreira d'Almeida—Consultas, da redacção.»

—«*A Vinha Portugueza.*—Recebemos o numero 6 d'esta revista mensal de viticultura, de que é redactor principal o sr. F. d'Almeida e Brito, distincto agronomo portuguez.»

—«*O Elegante.* Recebemos o n.º 37, correspondente ao mez de julho. Este bello jornal de modas para homens e creanças, sem duvida o primeiro no seu genero, recommenda-se não só pela novidade e elegancia dos figurinos que publica como tambem pela variedade de artigos que insere nas varias secções que compõe a parte litteraria, todas ellas pri-

---

Antonio (*quebrando a segunda corda*).—Ora esta!...

Francisco.—O' diabo que me dás cabo da viola! Fico sem ella, e sem cordas!

Antonio (*rebentando a terceira*).—Sabes que mais? Não tenho hoje paciencia para afinar violas! Digo e disse: não estou hoje resolvido. (*Entrega a viola a Francisco*)

Francisco.—Está bom! pozestel-a em bom estado. Agora é que ella está mesmo... na afinação.

Leonardo.—*Atão* que lhe parece, *ti Manel* Lopes? *Pantasma* eu?!

Manuel Lopes.—Não estou para vos aturar. Vou-me chegando até á estação. Queres vir, Maria? E' verdade: e tu não vens, Rosa?

Rosa.—Eu, se o pae dá licença, vou mais tarde com a Izabel.

Manuel Lopes.—Anda lá. Vae tu quando quizeres. (*Aparte*) Póde ser que eu me engane, póde. Mas, se o meu olho me não mente... (*Alto*) Vamos lá, Maria.

Maria.—Vou já. Tu fecha a porta, Rosa.

Rosa.—Fecho sim, senhora. Eu fecho tudo; vá descançada.

Maria.—Vê lá, não te descuides. (*Sahe com Manuel Lopes pelo F. Os aldeãos descem, seguidos pelos camponezes; rodeiam o cruzeiro e dansam a Cana-Verde, cantando uma das aldeãs a seguinte copla*:

Quem tem amores fidalgos
Não se *consid're* ditosa.
Que a luz do sol está alta,
Não chegas lá, mariposa.

Ai! oh! ai!

Não a alcanças, mariposa,
Ficam-te as azas prendidas
Nos mil espinhos da *Rosa*.

(*A dança continua, apenas ao som da viola*)

SCENA IV

OS MESMOS, CARLOS, JERONYMO E PEDRO

Jeronymo (*da montanha*).—Bravo! Ermezinde é realmente um ponto de vista explendido! admiravel! deslumbrante!

Pedro.—Incluindo no quadro aquellas arrebatadoras lavradeiras, não é assim? (*descem a serra.*)

Rosa (*baixo*).—Jesus! O sr. Carlos!

Francisco (*cantando*):

Tende cautella! cachopas,
Não vos façaes tão espertas.
Vê lá tu, que a pedra atiras,
Se é em ti propria que acertas.

Ai! oh! ai!

Vê lá se em ti mesma acertas,
Que ás vezes é *mau defeito*
Atacar com baldas certas!

Rosa.—Oh! meu Deus!

Francisco (*levantando a viola*).—Leva rumor! (*Termina a dança, dividindo-se os aldeãos pela scena em grupos irregulares*).

Jeronymo.—E' verdade: ó Carlos, que é feito da tua Rosa?

Pedro.—Ora onde ha de ella estar! Tu não a vês?

Jeronymo.—Eu não! Talvez o Carlos a descobrisse já.

Carlos.—Eu? Bem me importam a mim essas coisas!

Jeronymo.—Oh! pois não! O Carlos não é capaz de...

Jeronymo (*interrompendo-o*).—O Carlos é bom rapaz e havia de saber já que a *pequena* assistiria d'aqui á representação da comedia...

Carlos.—Comedia?

Jeronymo.—Ou farça; como quizeres. Pois que diabo é tudo isto se não uma comedia?

Carlos.—Chamas comedia ás aspirações do povo, *ao seu* desejo de ver e comprehender tudo o que o seu olhar não viu ainda, e a sua cabeça não teve valor para comprehender?—tu, meu democrata?

Jeronymo.—Não é a isso que eu chamo comedia. Sinto essas aspirações sublimãs. Adhiro a ellas com todo o fogo da minha alma, com todo o enthusiasmo de um coração progressista; mas censuro o servilismo dos aduladores, e a hypocrisia dos velhacos.

Pedro.—Apoiado!

Jeronymo.—Fulmino-a com todo o peso da minha indignação. E se tivesse entre as mãos o seu futuro, esmagava-lh'o, para que nã subissem á sombra de um espirito altamente generoso, elles, os transfugas, os vampiros sociaes, que sugam a vida ás mais grandiosas instituições.

Pedro.—Bravo! Mais um alliado (*mudando d'inflexão*). O' Jeronimo: esse é o credo politico do teu novo jornal republicano?

Carlos.—E quem são esses transfugas, esses vampiros sociaes, que tanto implicam com a compleição nervosa do meu amigo Jeronymo Soares? E a que proposito vem um tão prolongado artigo de politica geral, se tão poucas pessoas estão aqui que possam comprehender... (*com intenção*) tão elevado estylo? (*os aldeãos sóbem para o F. e separam-se em diversos grupos*).

Jeronymo.—Adeante, Carlos, que não são para este logar considerações politicas.

Carlos.—Então para que as trouxeste tu onde ellas não eram chamadas?

Jeronymo.—Por incidente, apenas.

Carlos.—Incidente que podia offender as susceptibilidades d'alguem.

SCENA V

OS MESMOS E SINFRONIO (*no cimo da montanha*)

Pedro (*vendo Sinfronio*).—Oh! que exquisitissimo pintasilgo!

Jeronymo (*idem*).—Ha opiniões! Uns chamar-lhe-hão cetaceo, outros mollusco!

Carlos (*idem*).—Ainda alguns affirmarão que pertence ao grupo dos palmipedes...

Pedro.—E' talvez um conjuncto de todos esses grupos.

Jeronymo.—Está fóra da historia natural.

Carlos.—Ninguem o póde classificar.

Pedro.—Não! Eu quero as honras da classificação. Querem vocês vêr.

Carlos.—O' diabo; deixa lá o homem.

Pedro (*encontrando Sinfronio*).—O sr. faz favor de me dizer a qual dos grupos pertence? E' pintasilgo, arara, periquito ou pardal?

Sinfronio.—Heim? Eu? (*pausa*) Sou um reporter d'um jornal.

Pedro.—Achei o X do problema. O homem é idiota. E' um sujeito que até em prosa falla verso. E' a mais completa abherração da natureza. O homem é... reporter.

Sinfronio.—Então o sr. não sabe o que quer dizer reporter?

Pedro.—Eu não!

Sinfronio.—Reporter, na sua significação ethymologica, quer dizer, homem que traz e leva (*todos riem*).

Pedro.—Essa agora!

Jeronymo.—Onde aprendeu o sr. essa definição, ó *seu* patarata?

Sinfronio.—No *Covent Garden*, em Londres!

Pedro.—Então o sr. já foi a Londres?

Sinfronio.—Pois eu não havia de ter ido a Londres? Tenho corrido as sete partes do mundo.

Caalos.—Ora ahi está ao que se chama um reformador insigne. Até aqui todos julgavam que as partes do mundo eram cinco.

Sinfronio.—Engano! Puro engano! Isto pela Europa está atrazadissimo.

Pedro.—O sr. já foi á Laponia?

Sinfronio.—Sim sr. Percorri a China, o Japão, os Estados-Unidos, o mar Vermelho, a Philadelphia, o Industão, o *mar Caspio; assisti* á fundação do *New-Yok-Herald*, vi as pyramides do Egypto, a torre de Babel, o Sinay, a Grecia, a Roma dos Cesares, as ilhas do Pacifico, os promontorios do Niagara, as sylphides de Veneza, as cataratas do Etna, os lagos do Vesuvio, as basilicas do Vaticano, a estatua de Damocles, o exilio de Santa Helena, as catacumbas do Atlantico...

Jeronymo (*interrompendo-o*).—E os meninos orphãos a cavallo? Viu-os?

Sinfronio.—Vi, sim sr. Andavam de passeio no Bosque de Bolonha, quando fiz a minha ultima excursão ao Mississipi, na Irlanda.

Jeronymo.—O sr. sabe o que é o senso commum?! (*todos riem*).

Sinfronio.—Esse diabo foi condemnado, nas proximidades do diluvio, a prisão maior cellular, ou trabalhos forçados na Africa.

Pedro.—Pelo que vejo tambem tomou parte na tregedia do diluvio universal?!

Sinfronio.—Sim sr. Salvei-me, até, escarranchado na burra de Balaãn.

Jeronymo.—Ah! sim! Comprehendo agora a razão porque a arca de Noé levava a seu bordo dois individuos da mesma especie.

Sinfronio (*desconfiado*).—O sr. estava a disfructar-me? Ora sempre a ignorancia... (*a Pedro*) O sr. faz favor de me dizer a que horas sáe d'Ermezinde o comboyo que de lá parte para Braga ás 11 horas?!

Jeronymo.—A's sete da noite d'hontem.

Sinfronio.—A's...

Pedro.—O' meu amigo; o sr. sabe quantas horas tem o dia?

Sinfronio.—Eu! Ora essa! Sei, sei, sim sr., pois não sei? Tem tresentas e sessenta e cinco, não sendo bissexto. (*Todos riem*). Ora, adeus, adeus, meu amigo.

Jeronymo.—Olhe lá o' sr. D. Fuas...

Sinfronio.—(*Escrevendo na carteira*). Partirá a's sete da noite d'hontem... oh! diabo! Isto não pode

morosamente redigidas. *O Elegante* assigna-se na casa editora David Corrazi, rua da Atalaya, 40 a 52. Cada numero avulso custa 400 reis.

—«*Açafate de costura.*—Recebemos e agradecemos o n.º 12, da 2.ª série que contém o seguinte summario:

Secção de letras—1—12—13—Continuação de 2 alphabetos da mesma fórma e feitio em tamanhos differentes. 2—4—10—11—16—18—22—23—Oito monogrammas differentes e de muito bom gosto, para lenços etc., etc. 3—9—Continuação de mais dois abcedarios muito simples bordados a branco ou a cordão para muitas applicações. 5—7—15—Letras a pedido d'assignantes. 8—O nome «Maria» ornamentado para bordar a branco com algodão muito fino ou seda da mesma côr. 14—Continuação d'outro alphabeto bordado a ponto d'armas. 17—19—20—Mais dois alphabetos gothicos para bordar a branco, cordão ponto de cadeia, *au passé*, etc., etc. 6—21—Dois nomes para bordar a branco para applicações diversas.

Reverso—Secção de letras—1—Elegante guarnição bordada ou a ponto cheio sobre tulle ou a soutache de seda, etc. 2—Capa de carteira bordada a ouro. 3—Bordado a matiz para caixa de luvas, (côres, roxo violeta e verdes differentes). 4—Outra guarnição a ponto alto. 5—6—Entremeio a branco para applicações. 7—«Candida» para bordar a branco. 8—Recorte guarnição, bordada a dois pontos de bonito effeito. 9—12—13—Tres guarnições bordadas a branco para muitas applicações. 12—23—Duas guarnições com canto para lenços do bolso, de senhora, bordados a branco com algodão muito fino ou seda. 11—Bordado Richelieu para variar applicações; póde tambem servir para serrar. 14—Outro canto e guarnição para lenço com a respectiva inicial para executar a branco. 15—Pequeno *bouquet* bordado a matiz; (côres laranja, azul, sepia e verdes differentes). 16—Monogramma ornamentado para lenços do bolso. 19—20—Guarnição com angulo para lenço e respectivo monogramma: tem muitas mais applicações. 21—Pequeno ramo para o peito executado com plumas. 17—Guarnição bordada para roupa de creança, etc., ect. 19—Panno de crochet para travesseiras ou coberta de meza de cabeceira, etc. Póde addicionar-se-lhe na orla uma das guarnições que se encontram nos numeros anteriores. 22—Outra guarnição recortada com desfiados para applicações diversas.»

Parte Official

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 3

Boletim de sanidade maritima declarando inficionados do colera, desde o 1.º de maio ultimo, os portos do imperio do Japão e suspeitos os portos do mar da mesma denominação.

Annuncio de estar aberto concurso, pelo praso de 30 dias, para o provimento do logar de professor primario elementar na escola do sexo masculino do logar de Pombal (districto de Braga).

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em differentes districtos.

Diario de 5

Portaria approvando a tabella dos juris para os exames de instrucção secundaria, e determinando a séde e o começo dos referidos exames para o dia 9 de julho corrente.

Varios despachos já conhecidos.

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em differentes districtos.

Diario de 6

Decreto determinando o processo de annullação para os documentos de cobrança de todas as contribuições do estado reconhecidamente incobraveis.

Carta de Lisboa

Lisboa, 6 de julho de 1886.

Continuam os clamores da opposição contra as medidas que se diz o governo vae decretar. Atterra-a a dictadura, pois não tem de que ter medo; tudo o que o governo fizer ha de ser para beneficio do paiz e não para utilidade de compadres, como succedia no tempo dos regeneradores. Continua a dizer-se que a publicação da reforma administrativa está para muito breve, que se não demora oito dias. A ideia da creação do ministerio de agricultura é que se não realisa por emquanto, o que não quer dizer que seja posta de parte.

— Está um calor abrazador, o que faz com que muitas familias abandonem a capital, procurando no campo o ar puro e fresco que lhes falta aqui.

— Dizem as *Novidades* que foram approvados os novos horarios, reformados, para as linhas de norte e leste e ramal de Caceres. Os novos horarios, se não resolvem completamente as exigencias das ligações com a linha da Beira Alta, melhoram alguma coisa essas ligações, e melhoram consideravelmente as communicações entre Lisboa e Porto. Pelos horarios em vigor, o comboyo-correio para o Porto sáe de Lisboa ás 7 horas da tarde, não levando passageiros de 3.ª classe. Pelos novos horarios, sairá ás 8 horas e tres quartos da tarde, com passageiros de todas as classes. O actual comboyo-correio gasta 11 horas e 29 minutos; pelos novos horarios gastará 10 horas e 30 minutos. Haverá, portanto, a economia d'uma hora na duração da viagem. O comboyo-correio do Porto para Lisboa sáe ás 6 horas e 20 minutos do Porto. Esta hora de partida é mantida. Mas em vez de chegar a Lisboa ás 6 horas da manhã, como agora, chegará ás 5 horas, dando uma hora de economia na duração da viagem, e facilitando por isso a mais prompta distribuição da correspondencia. Conserva-se o comboyo das 7 horas da tarde para leste e Madrid; mas esse comboyo, que agora não leva passageiros de 3.ª classe, levará passageiros de todas as classes. Pelos horarios actuaes, os passageiros de 3.ª classe tinham de procurar o comboyo das 4 e meia horas da tarde, que continua para serviço de passageiros. Esta modificação é muito importante para os passageiros das povoações proximas de Lisboa. O comboyo das 11 horas da manhã, tambem de serviço reduzido como o das 4 e meia horas da tarde, continua como d'antes. O comboyo mixto de Lisboa para o Porto partirá ás 7 horas e 30 minutos da manhã, em vez de partir ás 8 horas, como actualmente. Chegará ao Porto ás 9 horas e 30 minutos. O comboyo mixto do Porto para Lisboa partirá d'aquella cidade ás 7 horas e 15 minutos, em vez de 6 horas e 30 minutos, e chegará a Lisboa ás 10 horas da noite, em vez de 9 horas e 15 minutos. O serviço para leste d'estes comboyos mixtos mantem-se como anteriormente; e o comboyo expresso do Porto para o Entroncamento partirá á mesma hora—2 horas e trinta minutos da tarde. Este comboyo terá paragem em todas as estações, menos em Souzellas, Taveiro, Vermoil e Albergaria. O expresso do Entroncamento para o Porto, que chegava a esta cidade ás 10 horas da manhã, chegará ás 8 horas e 50 minutos. E' quasi a mesma coisa, com um pequeno beneficio. O serviço de comboyo, denominado *das praias*, entre Ovar e Porto, é substituido por tres comboyos ascendentes e tres descendentes, entre Espinho e aquella cidade. O primeiro sáe do Porto ás 6 horas da manhã, o segundo ás 4 horas e 30 minutos da tarde e o terceiro ás 10 horas da noite; os ascendentes sáem de Espinho, o primeiro ás 10 horas e 15 minutos da manhã, o segundo ás 7 horas da tarde, e o terceiro ás 11 horas da noite. Estabelece-se um comboyo directo de mercadorias entre Lisboa e Porto, que até aqui não havia. Este comboyo gastará entre as duas cidades 34 horas. Taes são as principaes disposições da alteração dos horarios, O numero de comboyos augmenta, e o serviço melhora, tanto nas horas da partida e chegada, como na menor duração das viagens. Os novos horarios devem começar a vigorar no dia 15 do mez corrente.»

— A companhia real dos caminhos de ferro portuguezes submetteu á approvação do governo, por intermedio da respectiva direcção fiscal, os seguintes projectos: 1.º Para a construcção de tres pontões na estação de Lisboa, para embarque e desembarque provisorio de mercadorias, e especialmente de vinhos exportados para o estrangeiro. 2.º Para a construcção d'um caes coberto, no prolongamento do caes existente na estação de Coimbra, cidade, para se poderem accommodar as mercadorias, que em grande numero teem affluido áquella estação. 3.º Um regulamento de serviço ou instrucções para os guardas encarregados da vigilancia das linhas. Todos estes projectos são de reconhecida importancia e attestam o zelo com que o distincto engenheiro director da companhia real, o sr. Pedro Ignacio Lopes, trata de melhorar as condições de trafego e de segurança das linhas a seu cargo.

— Foi aposentado o primeiro official do ministerio da fazenda, e delegado do thesouro do Porto, o sr. José Rodrigues de Faria.

Tambem se aposenta o sr. Margiochi, director do ministerio das obras publicas.

— Tomou posse da auditoria da primeira divisão militar o sr. Eduardo Coelho.

— Teve a medalha de merito e philantropia a pequenita que salvou as duas creanças na Gollegã.

— O fiscal do governo no caminho de ferro de Ambaca partiu para Loanda.

— Por espaço de 40 dias está aberto concurso para o provimento do logar de sub-delegado guarda-mór de saude da ilha das Flores, com o ordenado annual do 600$000 reis fortes pagos pelo cofre do estado.

— Foi exonerado de cargo de capitão do porto de Ponta Delgada o capitão de fragata, sr. Miguel Maximiano da Cunha, por ter completado o tempo da sua commissão; sendo nomeado para o substituir o capitão de mar e guerra, sr. Pedro d'Aguiar Craveiro Lopes.

— O sr. Bernardino Pacheco Alves Passos foi exonerado do logar de sub-delegado de saúde na Ilha das Flores.

— Perante o sr. ministro da marinha prestou juramento o nosso collega do *Diario Popular*, o sr. João Cesario de Lacerda, nomeado governador geral da provincia.

— Foi dada ordem para apromptar com urgencia a corveta *Estephania* para ficar ás ordens d'el-rei, sendo nomeado commandante d'este navio o sr. Franco *Costa Cabral*.

— Foi aberto concurso para 2.º official das alfandegas; ao 1.º grupo concorreu o sr. Judice Zamora, obtendo na classificação 7 bens.

— Realisou-se hontem o exercicio da brigada para o exame do coronel Domingos Gomes correndo com alguma irregularidade; muitos soldados ficaram estropiados de cansaço.

— Pelo ministerio da fazenda são enviados amanhã para o Cabo Verde duzentos contos, em prata e cobre, e para a Guiné 35 contos.

— Em consequencia da promoção a general do coronel de infanteria Domingos José Gomes, serão promovidos: a coronel, o tenente-coronel de infanteria 18 sr. Antonio Augusto Pereira de Azevedo; a tenente-coronel, o major do estado maior de infanteria (deffensor officioso no conselho de guerra da 3.ª divisão) sr. João Eduardo Sotto Maior Lencastre e Menezes; a major, o capitão de caçadores 6, Francisco Correia, e a capitão, o tenente em commissão no Collegio Militar, sr. Christovão Adolpho Ribeiro da Fonseca.

— Consta que ficará como inspector geral da arma de cavallaria, durante a ausencia do senhor infante D. Augusto, o general de brigada sr. Malaquias de Lemos.

— Requereu a sua reforma o capitão de mar e guerra sr. José Joaquim Braga de Moraes. Na sua vaga serão promovidos: a capitães de mar e guerra os srs. Carlos Folque Possolo, ajudante de campo de el-rei; e José Allemão de Mendonça Cisneros e Faria, commandante da fragata *D. Fernando*; a capitães de fragata os srs. Cesar de Campos Henriques, astronomo do observatorio de Lisboa e Carlos da Silva Costa, commandante do transporte *Africa*; e a capitão-tenente o sr. Albano Alves Brancos.

— Foi assignado um decreto alterando o artigo 668.º do regulamento telegrapho-postal de 23 de setembro de 1880.

— O sr. João Carlos Vaz Soares foi exonerado de fiscal do governo no caminho de ferro do norte e leste por não fazer serviço.

— O 1.º tenente da armada, sr. José Luiz Toste, capitão do porto de Olhão, foi transferido para a capitania de Tavira.

— Foram hontem transferidos para a direcção das obras do porto de Lisboa, a fim de ali exercerem os logares de chefes de secção, os srs. engenheiros José Cecilio da Costa, que estava nas obras do Mondego e barre da Figueira, e José Maria Cordeiro de Souza, que estava na direcção das obras publicas do districto de Lisboa.

— Sua Magestade el-rei vem ámanhã a Lisboa para o despacho.

— O sr. capitão-tenente Pedro Ignacio Rio de Carvalho foi exonerado do logar de capitão do porto de Tavira, continuando a exercer as funcções de chefe do departamento do sul.

— Chegou de Roma, com seu filho, o nosso ministro n'aquella côrte e antigo procurador geral á coróa, Martens Ferrão.

Y.

Telegraphia

Paris, 1.—A folha official publica hoje o decreto que reduz 50 por cento no preço dos despachos telegraphicos destinados aos jornaes, no interior da França.

Está nomeado tente governador do Gabão o dr. Ballay.

Segundo consta ao jornal *Voltaire* o sr. Dambon vae ser substituido em Tunis pelo sr. Patenôtre, como residente geral da Republica franceza n'aquella região.

Paris, 2.—O *Journal des Debats*, crê saber que o conde de Montebello não deixará a legação de Bruxellas.

Os deputados radicaes estão muito irritados com a annunciada interpellação ácerca da demissão do general Saussier, de governador militar de Paris, e dizem ser tramoia ferrysta.

Os jornaes opportunistas declaram que os republicanos não acceitarão nunca um general como presidente nem da republica nem do conselho de ministros.

Berlim 2.—O imperador Guilherme é esperado em Gastein (Austria) no dia 15 do corrente.

Parece que o acompanhará o principe de Bismarck, e portanto attribue-se a esta viagem uma grande importancia.

Paris, 2.—O conselho de ministros emittiu o parecer unanime de se recusar a demissão ao general Saussier. Depois de terminado o conselho, o ministro da guerra, general Boulanger, dirigiu-se ao general Saussier, pedindo-lhe que continue a ser governador militar de Paris.

New-York, 2.—Estão amanhã fechados os mercados de generos.

S. Petersburg, 2.—O sr. Ternaux Compans, conselheiro da embaixada franceza n'esta côrte, pediu ao seu governo que o ponha na disponibilidade. Diz-se que o conde de Noize, segundo secretario da embaixada, enviou a sua demissão ao sr. Freycinet.

Londres, 2.—Até ao meio dia, estavam eleitos deputados 23 conservadores 9 unionistas, 29 ministeriaes e 4 parnellistas. O sr. Gladstone foi reeleito sem opposição.

Paris, 2.—O general Saussier respondeu ao ministro da guerra, que continúa no governo militar de Paris.

Pernambuco, 3.—Conseguiu-se tirar do fundo e pôr a nado o paquete *Tagus*, da Companhia da Mala Real Ingleza, que, dando á costa perto da Bahia no dia 28 do mez passado havia ficado profundamente enterrado na areia.

Londres, 3.—Até agora sabe-se estarem eleitos deputados: 86 conservadores, 33 unionistas, 142 ministeriaes e 20 parnellistas. Os conservadores ganharam em 5 circulos e os gladstoneanos em 4.

Paris, 3.—O ministro da marinha, interrogado hoje na camara pelo sr. Gerville-Réache, confirmou o desmentido já telegraphado de Vienna, de ter o imperador ido pessoalmente fazer uma visita de despedida ao conde Foucher de Careil, ex-embaixador da Republica franceza n'aquella côrte.

Berlim, 3.—Partiu hoje o deputado socialista Singer, que foi expulso pelo governo.

Os democrata fizeram-lhe uma grande ovação, á despedida.

O sr. Singer vai percorrer a Allemanha do sul, em excursão de propaganda.

Loudres, 3.—Estão eleitos deputados 148 conservadores, 26 unionistas, 54 gladstonianos e 18 parnellistas.

Os conservadores ganharam 7 circulos, os gladstonianos 9, e os unionistas 1.

Madrid, 3.—A camara dos deputados approvou hoje a resposta ao discurso da coróa por 233 votos contra 58.

Rio de Janeiro, 3.—Partiu hoje do Rio de Janeiro, directamente para a Europa, o paquete inglez *Araucania*, da Companhia do Pacifico.

New-York, 3.—Houve hoje uma explosão no paiol da polvora em Brakesville. Ficaram mortos 10 homens e feridos 12.

Paris, 4.—O ministerio da marinha, desmentindo formalmente uma noticia do jornal *Paris* declara que todos os barcos torpedeiros francezes estão actualmente nos portos de França.

Não tem fundamento o boato de ter o Vaticano communicado ao governo francez a resolução definitiva do Papa ácerca da sua representação em Pekim.

Pernambuco.—Chegou a Pernambuco, vindo da Europa, o paquete inglez *Britania* da Companhia de Navegação do Pacifico.

Paris, 4.—Chegaram esta manhã a Paris dois destacamentos de artilheria, que regressam do Toukin. Foram recebidos com grandes ovações. Immensa multidão de povo os esperava.

Effectuou-se esta noite o annunciado banquete da imprensa departamental monarchica. O sr. Lambert de Sanit Croix, representante auctorisado do conde de Paris, disse que o partido realista tem todo o mesmo chefe, a mesma esperança e o mesmo fim, e levantou um brinde ao regresso do seu chefe.

Houve applausos e gritos de *Viva o rei!*

Paris, 5.—O senado approvou hoje o projecto da exposição universal para 1889.

O tribunal correccional de Bourgoin, deferindo o requerimento dos advogados, declarou-se incompetente para julgar o processo de Château-Villain: por conseguinte os accusados vão responder a uma audiencia de juri.

Londres, 5.—Segundo os resultados das eleições, de que ha conhecimento até agora, estão eleitos deputados: 168 conservadores, 38 unionistas, 76 gladstoneanos e 27 parnellistas.

Os ministeriaes ganham em 10 circulos e a opposição em 25.

Nos disturbios que se repetiram hoje em Dublin, Irlanda, ficou morto um individuo e feridos vinte e seis.

ANNUNCIOS

EDITAL

Rufino Cesar de Souza Monteiro, vice-presidente da Camara Municipal do concelho d'Aveiro, em exercicio, no impedimento do respectivo presidente.

163 FAÇO saber que, em virtude da requisição do ex.mo Governador Civil do districto, feita a pedido da camara municipal do concelho de Castello de Paiva, e, em cumprimento da resolução tomada, pela camara da minha presidencia em sua sessão de hoje, se acha aberto o inquerito de 30 dias, para a classificação, em estrada districtal da que deve partir da Ponte de Entre-os-Rios, seguir pela Ponte do Loureiral, e proximidades de Nespreira e Alvarenga, e terminar em Castro Daire.

Quem tiver que reclamar contra esta pretendida classificação, devel-o-ha fazer, n'esta secretaria, dentro do referido praso.

E para constar se passou o presente para ser publicado pela imprensa, e outros de egual theor para serem affixados nos logares mais publicos do concelho.

Aveiro e secretaria da Camara Municipal 1 de julho de 1886. E eu Francisco de Pinho Guedes Pinto, escrivão da camara, que o subscrevi.

Servindo de presidente da camara—o vice-presidente, *Rufino Cezar de Souza Monteiro.*

EDITAL

O Bacharel Manuel Nunes d'Oliveira Sobreiro, Administrador do Concelho de Aveiro, etc. etc.

167 DISPONDO o art. 390 da Nov. Ref. Penal que será punido com prisão até seis mezes e multa até um mez o ultage publico ao pudôr, e

Considerando que se acham incursos nas disposições do citado artigo os individuos que em estado de nudez vão nadar aos logares publicos:

Faço saber que a nenhum individuo é permittido nadar, ou andar na agua n'aquelle estado e na ria d'esta cidade desde as pyramides e matadouro até ao Cójo, ou proximo ás estradas marginaes, sob pena de ser preso e entregue ao juizo criminal para ser punido com as penas do mencionado art. 390 da Nov. Ref. Penal.

E para constar mandei fazer o presente e outros d'egual theor, que serão affixados nos logares mais publicos d'esta cidade.

Administração do concelho d'Aveiro, 7 de julho de 1886. E eu, Francisco da Silva Carvão, escrivão, que o escrevi.

Manuel Nunes d'Oliveira Sobreiro.

Annuncio

166 PELO Juizo de Direito da Comarca de Aveiro, e cartorio do escrivão Ferreira, corre uma acção de justificação avulsa, pela qual Liberata Dias de Figueiredo, viuva de Sebastião Candido de Magalhães, Clara Dias de Magalhães e marido João de Brito Taborda, Umbelino Coelho de Magalhães, e Vicente Coelho de Magalhães, proprietarios d'Eixo, e Roza Dias de Magalhães e marido Manuel Simões Baptista, moradores na Praça do Castello, da cidade do Rio de Janeiro, na qualidade d'herdeiros d'aquelle Sebastião Candido de Magalhães, pretendem habilitar-se, para lhes serem averbadas as inscripções d'assentamento da Junta de Credito Publico n.os 55:948, 60:077, 62:121, e 81:174, cada uma do valor nominal de 1:000$000 reis. São portanto citados os interessados incertos por editos de trinta dias, a contar da publicação, digo, da segunda publicação d'este no *Diario do Governo*, para na segunda audiencia posterior áquelle praso, verem accusar a citação, e marcar-se-lhes o praso de trez audiencias para contestarem querendo. As audiencias fazem-se ás segundas e quintas-feiras de cada semana por 10 horas da manhã no Tribunal Judicial não sendo dia feriado ou sanctificado, pois n'este caso se fazem nos dias immediatos pela mesma hora e no mesmo local.

Aveiro 30 de junho de 1886.

O Escrivão

Severiano Juvenal Ferreira.

Verifiquei=*Costa e Almeida.*

VENDA DE PALHEIRO

164 QUEM quizer comprar um palheiro, sito na Costa de S. Jacintho, e que foi do fallecido major Ferreira, falle com a viuva D. Maria da Trindade Ferreira, moradora na rua Direita d'esta cidade.

PINHAL

165 VENDE-SE em leilão particular o terrado de pinhal de 66 alqueires de semiadura, denominado *Arrotas*, sito em Esgueira, todo junto ou ás leiras, domingo 11 do corrente ás 9 horas e meia da manhã no mesmo pinhal.

RÉCLAME

77 DESDE o dia 1.º de setembro de 1884, um sello de garantia levando as palavras francezas «**Union des Fabricants** pour la répression de la contrefaçon» (*União dos Fabriacntes* para a repressão das falsificações) acha-se applicado como um *sello do correio* sobre todas as caixinhas de pilulas que saem da pharmacia do Doutor **Dehaut** de Paris.

O MELHOR PURGANTE

138 TODOS os padecimentos cuja cura depende da applicação de um bom purgante dasapparecem rapidamente com o uso das pilulas purgativas da Moura que são indubitavelmenta o melhor dos purgantes até hoje conhecidos. A sua acção é muito suave e nada irritante, o seu effeito seguro e rapido; o seu preço excessivamente modico e a sua administração da maneira mais facil e mais prompta. Os milhares de caixas que se vendem annualmente, tanto no paiz como no estrangeiro, mostram á evidencia a superioridade d'este preciose medicemento purgativo. Preço 300 reis, Depositarios em Lisboa, Pimentel e Quintans, 194, rua da Prata, (a esquina da travessa da Assumpção.) Venda por grosso, Felix & Filho. Porto,

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz e Filho.

São falsificadas as pilulas em cujas caixas não for o nome Felix e Filho.

ACABAM AS DORES

139 COM a applicação do afamado balsamo anodyno de Moura, cuja efficacia é incontestavel nos rheumaticos, nas nevral'gias, nas distenções de tendões, etc. Numerosos attestados de pessoas distinctissimas de paiz e estrangeiros, entre os quaes muitos do medicos de subido merito, provam a grande superioridade d'este medicamento, hoje universalmente usado, sobre outros aconselhados para as mesmas molestias. Preço 500 reis. No Porto, Felix e Filho, S. Domingos, 46.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz e Filho.

Deposito em Setubal, Antiga Ribeira, 15 a 19.

Previne-se o publico para não ser illudido que é falsificado o balsamo em cujos frascos não for o nome Felix & Filho.

AFINADOR

E

CONSTRUCTOR DE PIANOS

160 PEREIRA de Miranda acaba de chegar a esta cidade, onde póde ser procurado á Praça do Peixe, Hotel Martinho.

1

21

ASPHALTO

MANUEL FERREIRA DA SILVA

Rua Nova de S. Domingos 97

PORTO

TEM grande deposito d'este genero, já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obras, nas provincias, por ter os melhores applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos

LARGO DA CADEIA

CONTRA A TOSSE

Xarope Peitoral James, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia-Franco, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada emconformidade da lei de 4 de junho de 1883. 1

CONTRA A DEBILIDADE

Farinha Peitoral Ferruginosa da Pharmacia Franco, unica legalmente auctorisada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte, e um precioso elemento reparador, me to agradavel e de facil digestão. Aproveitap modo mais extraordinario nos padecimentosd peito, falta de apetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mu res gravidas, e amas de leite, pessoas idoh creanças, anemicos, e em geral nos debilitad - qualquer que seja a causa da debilidade. Acess se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pha macia-Franco, em Belem. Pacote 200 reis, e lo correio 220 reis. Os pacotes devem conts o retrato do auctor, e o nome em pequena circulos amarellos, marca que está deposito em conformidade da lei de 4 de julho de 1883

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Droga ria Medicinal de Ribeiro Junior. 23

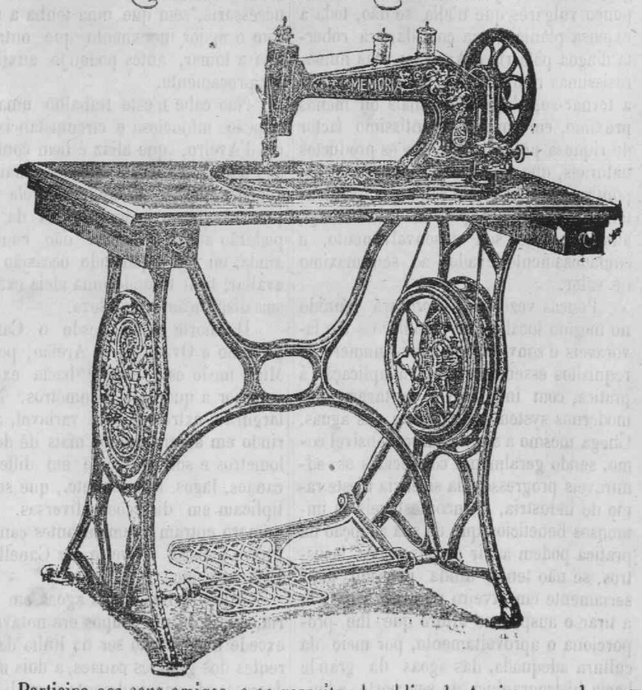
NOVO DEPOSITO

DE

MACHINAS DE COSTURA

CARLOS DA SILVA MELLO GUIMARÃES

Rua Direita—Aveiro



Participa aos seus amigos, e ao respeitavel publico de Aveiro e arredores, que acaba de reunir aos seus estabelecimentos um importante deposito de machinas de costura as quaes garante como muito superiores a quantas se conhecem. A **MEMORIA** (especialidade que mais se recommenda) é a unica machina que tanto pela sua belleza, como pela construcção, solidez e variedade de trabalhos que executa supplanta toda e qualquer machina que até ao presente se tem vendido em Aveiro.

A **MEMORIA**, sem rival no mundo, é a unica que tem obtido os mais honrosos premios nas exposições aonde tem concorrido; d'entre estas citarei a Exposição de Lisboa em maio de 1884 aonde foi a unica machina de costura que obteve premio.

Seria fastidioso enumerar as vantagens d'esta excellente machina, e por isso me limito a prevenir todas as pessoas que desejem comprar um d'estes indispensaveis auxiliares do trabalho, que depois de examinarem com attenção as que por ahi se vendem, venham ver estas pelas quaes optarão sem duvida.

A **MEMORIA** vende-se a prestações de 500 reis semanaes ou a prasos, fazendo-se grande desconto ao compradores de prompto pagamento.

PREVENÇÃO

5

Ao recommendar a machina **MEMORIA** direi comtudo que tenho sempre no meu deposito, machinas de outros systemas e de outros fabricantes, as quaes pela sua qualidade muito superior ás que por ahi se vendem, são comtudo vendidas por tão diminutos preços que difficilmente outras casas do mesmo genero poderão competir.

Peças soltas, agulhas, algodões, oleo, torçaes, etc. 52

137

ASTHMA E CATARRHO

Curados COM OS **CIGARROS ESPIC** Em França 2 fr. A CAIXA

Opressões, Tosses, Constipações, Nevralgias

Em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil.-Paris. Venda por grosso, J. ESPIC, Rue St-Lazare, 20. *Exigir esta assignatura sobre cada Cigarro.*

INJECÇÃO MOURA

140 ESTA efficaz injecção é a unica que cura em poucos dias, sem produzir damno algum toda a qualidade de purgações, tanto antigas como modernas, ainda as mais rebeldes. Deposito no Porto pharmacia Felix e Filho. Frasco 600 reis.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz e Filho.

AFINADOR

145 OFFERECE-SE um afinador de pianos, com pratica d'este trabalho, e por preço convidativo.

Quem precisar dos seus serviços dirija-se a Joaquim Antonio Placido.

LARGO DO ROCIO—AVEIRO

51

GOTTA E RHEUMATISMOS

CURA certa pelo **LICOR** e pelas **PILULAS** do Dr **Laville**

Estes Medicamentos são os unicos Antigottosos *analysados e approvados* pelo Chefe das Manipulações chimicas da Academia de Medicina de Paris, o Dr **OSSIAN HENRY.**

O **LICOR** *toma-se para curar os accessos.* — As **PILULAS** *tomão-se durante o estado chronico para impedir novos ataques e obter a cura radical.*

Para premunir-se contra as falsificações, deve-se exigir o SELLO do GOVERNO FRANCEZ e a assignatura

Venda por atacado em PARIS: **COMAR**, Pharmaceutico, rua St-Claude, 26

DEPOSITOS EM TODAS AS PRINCIPAES PHARMACIAS

Laville

da Faculdade de Paris.

COMPANHIA FABRIL SINGER

75—RUA DE JOSÉ ESTEVAM—79

PEGADO A' CAIXA ECONOMICA

AVEIRO

VINDE VER AS

Excellentes e ainda não igualadas machinas de coser de **LANÇADEIRA OSCILLANTE**, que esta Companhia tem á venda.

As suas grandes vantagens são:

BRAÇO MUITO ELEVADO

Lançadeira que leva um carrinho d'olgodão.

Não precisa encher canhila nem enfiar a lançadeira.

A agulha é sempre ajustavel.

Dá dois mil pontos n'um minuto!

Levissimas no trabalho e silenciosas sem igual.

Pesponto o mais perfeito e mais elastico, tanto em cambraia como nos tecidos mais grossos.

Não quebra as agulhas, nem corta a fazenda, todo o seu machinismo é ajustavel e com ouso e os annos está a machina sempre perfeita.

GARANTIDA POR 12 ANNOS

SINGER

Ao alcance de todas as fortunas. Vende-se a prestações de 500 REIS SEMANAES sem prestação d'entrada, e a dinheiro com grande desconto.

SINGER

A que tem obtido em todas as exposições os primeiros premios e ainda na ultima exposição de Amsterdam obteve o GRANDE DIPLOMA D'HONRA, premio superior é medalha d'ouro.

SINGER

Para familias, asfaiates, modistas, chapelleiros, sapateiros e correeiros.

SINGER

Para trabalhar á mão ou ao pé, e tão leve que uma creança a move sem se cançar.

SINGER

A que fabrica e vende directamente ao publico, evitando assim que o mesmo seja enganado com as imitações, e tornando-se d'esta forma a sua garantia solida e positiva.

SINCER

Vendeu só no anno de 1884 a enorme quantidade de 620:382 machinas! devido isto á sua grande aceitação, supplantando assim todos os outros systemas modernos, que jàmais poderão competir com a machina SINGER

SINGER

Não tem rival debaixo de nenhem conceito attestando a verdade d'estas palavras mais de SEIS MILHÕES de machinas sahidas das suas fabricas!

Ensino esmerado gratis em casa do comprador, e concertos gratis por todo o tempo.

Peçam-se catalogos illustrados contendo o preço das machinas.

Avisa-se o publico de que tenha todo o cuidado com as imitações.

Vende-se agulhas, algodões torçaes e oleo a preços baratissimos.

Deposito em todas as capitaes dos districtos de Portugal. 56

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE—LARGO DA VERA-CRUZ—AVEIRO.